

MARTA SOFIA MATEUS CUSTÓDIO

**AS PERCEÇÕES DOS EDUCADORES DE INFÂNCIA FACE À EDUCAÇÃO SEXUAL
COM CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECÍFICAS**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2021

MARTA SOFIA MATEUS CUSTÓDIO

**AS PERCEÇÕES DOS EDUCADORES DE INFÂNCIA FACE À EDUCAÇÃO SEXUAL
COM CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECÍFICAS**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL:
DOMÍNIOS COGNITIVO E MOTOR**

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Cláudia Luísa

Mestre Vânia Beliz



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2021

AS PERCEÇÕES DOS EDUCADORES DE INFÂNCIA FACE À EDUCAÇÃO SEXUAL COM CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECÍFICAS

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser autora deste trabalho, que é o original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright

Autorizo os direitos de copyright da presente dissertação de mestrado, em nome de Marta Sofia Mateus Custódio.

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Dedicatória

Dedico este trabalho às pessoas que mais amo:
os homens e as mulheres da minha vida.

Agradecimentos

A quem me aliciou a embarcar nesta aventura. Era um objetivo adormecido e que um pouco nas nuvens, foi surgindo e avançando. Com um misto de arrependimento e de orgulho, de entusiasmo e cansaço, concretizou-se.

Aos meus filhos, quero pedir desculpa pelos momentos em que os privei da minha presença, mas quero acreditar que acima de tudo dei-lhes o exemplo de seguirem os seus sonhos e objetivos, para serem sempre melhores do que são.

Ao meu marido que, um pouco impulsionado, foi segurando as pontas e acreditando em mim.

A toda a minha família e amigos que contribuem para a pessoa que sou e que me tenho tornado.

Às minhas orientadoras, que assumiram esse grande papel de orientação da dissertação de uma aluna com pouco tempo disponível para a concretizar. Completaram-se pelas suas diferentes formações académicas, personalidades e conhecimentos. Foi um gosto e uma honra ter tido este acompanhamento.

A todas as pessoas que contribuíram para que este estudo se realizasse, de forma direta ou indireta.

Tal como refere a minha inspiração musical na realização deste trabalho “Sign of the times” (Harry Styles): Just stop your crying/ Have the time of your life/ Breaking through the atmosphere/ And things are pretty good from here/ Remember everything will be alright.

Resumo

A educação sexual é uma temática importante, pois a sexualidade é algo natural e integrante da vida do ser humano e contribui para a sua identidade e para o seu bem-estar físico e psicológico. Não obstante, na educação pré-escolar não é obrigatória a integração da educação sexual no currículo, nem existem indicações sobre a diferenciação com crianças com Necessidades Educativas Específicas (NEE).

De forma a contribuir para o aumento do conhecimento sobre a temática, realizou-se uma investigação de carácter qualitativo, que pretendia estudar as perceções dos educadores de infância em relação à educação sexual com crianças com NEE.

Recorreu-se à técnica da entrevista semiestruturada aplicada a seis educadoras de infância de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), do distrito de Faro.

Os resultados mais significativos revelam que os educadores de infância apresentam pouca formação sobre educação sexual, o que leva também a que haja uma reduzida implementação de programas de educação sexual na sua prática pedagógica. Referem igualmente que há pouca comunicação com os pais sobre a temática da educação sexual.

No entanto, transmitem experiências e reflexões bastantes enriquecedoras decorrentes da sua prática profissional.

Palavras-Chave: Educação sexual; Necessidades educativas específicas; Educadores de infância.

Abstract

Sexual education is an important topic, as sexuality is something natural and integral to the life of human beings and contributes to their identity and to their physical and psychological well-being. However, in pre-school education it is not mandatory to integrate Sex Education in the curriculum, nor are there indications about the differentiation with children with Specific Educational Needs - SEN.

In order to contribute to the increase of knowledge on the subject, a qualitative investigation was carried out, which aimed to study the perceptions of kindergarten teachers in relation to sex education with children with SEN.

We used the technique of semi-structured interview applied to six kindergarten teachers from a Private Institution of Social Solidarity – IPSS, in the district of Faro.

The most significant results reveal that kindergarten teachers have little training in sex education, which also leads to a reduced implementation of sex education programs in their pedagogical practice. They also refer that there is little communication with parents on the topic of sexual education. However, they transmit very enriching experiences and reflections arising from their professional practice.

Keywords: Sexual education, Special educational needs, Kindergarten educator

Índice geral

Agradecimentos	ix
Resumo	xi
Abstrat	xiii
Índice geral	xiv
Índice de tabelas	xvii
Índice de anexos	xvii
Índice de apêndices	xvii
Lista de siglas e acrónimos	xviii
Introdução	1
Capítulo I- Enquadramento Conceptual	5
1. A sexualidade	5
1.1. Sexualidade na infância	6
1.2. Educação sexual em Portugal	9
1.3. Educação sexual na Educação Pré-Escolar	12
1.4. Necessidades Educativas Específicas e inclusão	16
1.5. Intervenção precoce na infância	20
1.6.O papel do educador e a formação em educação sexual	21
1.7. O papel da família	24
Capítulo II- Estudo Empírico	27
2. Metodologia	27
2.1. Natureza do estudo	27
2.2. Questão de partida	28
2.3. Objetivo geral	29
2.4. Objetivos específicos	29
2.5. Participantes	29
2.6. Instrumentos de recolha de dados	31
2.6.1. Entrevista semiestruturada	31
2.6.2. Análise de conteúdo	32

2.6.3. Pesquisa bibliográfica	33
2.7. Procedimentos de recolha de dados	33
2.8. Procedimentos éticos	33
Capítulo III- Apresentação e discussão de dados	35
3. Análise das categorias	35
3.1. Conhecimento sobre o currículo da temática da educação sexual e formação	35
3.2. Prática Pedagógica	37
3.3. Isolamento social atual devido à pandemia	44
3.4. Atitudes e sentimentos perante a educação social	45
3.5. Comunicação com as famílias	50
Considerações finais	53
Referências bibliográficas	57
Anexos	61
Apêndices	68

Índice de tabelas

Tabela 2.1. Faixa etária das educadoras de Infância inquiridas	30
Tabela 2.2. Anos de serviço das educadoras de Infância inquiridas e respetiva etapa/fase da carreira	31

Índice de anexos

Anexo 1- Carta de compromisso	62
Anexo 2- Declaração de conformidade	63
Anexo 3- Termos e condições gerais de Privacidade de dados	64
Anexo 4- Parecer da comissão de ética da UALG	65

Índice de apêndices

Apêndice A- Guião da entrevista	69
Apêndice B- Transcrição da entrevista a EI1	73
Apêndice C- Transcrição da entrevista a EI2	85
Apêndice D - Transcrição da entrevista a EI3	91
Apêndice E- Transcrição da entrevista a EI4	97
Apêndice F- Transcrição da entrevista a EI5	104
Apêndice G- Transcrição da entrevista a EI6	112

Lista de siglas e acrónimos

APEI - Associação de Profissionais da Educação de Infância

DGE- Direção Geral de Educação

ELI- Equipa de Intervenção Precoce

ES- Educação Sexual

GTES - Grupo de Trabalho Sobre Educação Sexual

GTSSR- Grupo de Trabalho em Saúde Sexual e Reprodutiva

IPI- Intervenção Precoce Individual

IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social

IST- Infecções Sexualmente Transmissíveis

ME- Ministério da Educação

NEE - Necessidades Educativas Especiais

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU- Organização das Nações Unidas

UNRIC- Centro Regional de Informação das Nações Unidas

PES- Projeto de Educação para a Saúde

PIIP - Plano individual da Intervenção Precoce

SIDA- Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

SNIPi - Sistema Nacional da Intervenção Precoce na Infância

UALG- Universidade do Algarve

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNRIC - Centro Regional de Informação das Nações Unidas

Introdução

A educação sexual é uma temática há muito defendida, “é usual e amplamente divulgada e partilhada, tanto pela comunidade científica e técnica como pela Comunicação Social e pelo senso comum” (Marques, 2002, p.10). Neste sentido, parece uma expressão clara e em que há entendimento, contudo:

Se há um consenso sobre a necessidade de uma educação sexual, as divergências surgem de imediato quando se trata de implementar programas para a sua concretização. Surgem as falsas dicotomias entre as responsabilidades da família e as da escola, cuja consequência tem sido um protelar sistemático da formalização da educação sexual. (Gomes, 1992, como citado em Marques et al., 2001)

Tanto os pais, como os educadores, têm o dever de abordar este tema de forma natural em relação aos nomes e aos conceitos, e devem fazê-lo de forma consciente, desde a primeira infância, dada a sua importância na vida da criança:

A sexualidade, em qualquer idade, expressa-se por vários parâmetros, com intensidade e importância variável, e é representada, em cada pessoa e em cada momento, pela soma das partes: afeto, ternura, conhecimento do corpo, exploração dos limites relacionais, experimentação, companhia, comunicação, sedução, erotismo, prazer pessoal, prazer dado aos outros, procriação. (Cordeiro, 2016, como citado em Rodi & Beliz, 2016, p.11)

De facto, a sexualidade é algo muito abrangente, tal como refere Anastácio (2015) “A sexualidade humana caracteriza-se por várias dimensões, podendo sumariamente englobar os domínios biológico, psicológico e social, embora outras dimensões como a cultural, a espiritual e religiosa, a política e a legal também estejam presentes” (p.49).

Deste modo, se a abordagem da educação sexual é tão importante para qualquer criança, para crianças com Necessidades Educativas Específicas não será ainda mais importante?

Será necessário criar estratégias diferentes e individuais para abordar esses conceitos e regras? Será que há uma abordagem intencional relativa à educação sexual com as crianças que apresentam necessidades educativas específicas por parte dos profissionais de educação intervenientes e dos pais? Se sim, que tipo de abordagem, que estratégias, que conceitos, que objetivos e que resultados têm?

Foram estas indagações que despoletaram esta investigação, tendo como questão primordial de pesquisa: quais são as perceções dos educadores de infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas?

Neste sentido, este trabalho de investigação tem como objetivo principal: compreender as perceções dos educadores de infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas. E como objetivos específicos: conhecer a postura dos educadores face a este tema; perceber se os educadores de infância abordam esta temática; perceber se os educadores têm uma preocupação e uma postura diferente perante as crianças que apresentam Necessidades Educativas Específicas; conhecer algumas experiências e preocupações e compreender a comunicação com as famílias.

Ao longo deste trabalho de investigação, é possível atingir um panorama real da consciência e da prática no âmbito da educação sexual, em concomitância com a amostra dos educadores de infância participantes. É uma investigação assente no paradigma qualitativo, onde recorreremos a técnica da entrevista semiestruturada, aplicada a seis educadoras de infância que exercem funções numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) no distrito de Faro.

Esta dissertação encontra-se organizada da seguinte forma: Introdução, onde é exposta a problemática e as razões pelas quais optei pela mesma; Enquadramento Conceptual, em que são apresentados os conteúdos referentes à temática deste trabalho, tais como: definição de sexualidade, sexualidade na infância, educação sexual em Portugal, educação sexual no pré-escolar, Necessidades Educativas Específicas e inclusão, educação precoce, o papel do educador de infância e a formação em educação sexual e o papel da família.

A parte empírica, no capítulo II, é composta pela metodologia, que contempla o tipo de estudo, os sujeitos, instrumentos de recolha de dados e o tratamento e análise dos dados.

No capítulo III encontra-se a apresentação e discussão dos resultados. Por último, temos as considerações finais, onde abordamos um conjunto de reflexões sobre o estudo, suas potencialidades e constrangimentos.

Capítulo I - Enquadramento Conceptual

1. A sexualidade

O conceito de sexualidade é muito abrangente, pois os seres humanos são sexuados, revelando-se a sexualidade desde o nascimento até ao final da vida, em variadas manifestações. A Organização Mundial da Saúde (OMS) referiu, em 1989, que a sexualidade seria:

Uma energia que nos motiva a procurar o amor, contacto, ternura e intimidade. Ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental. (Félix & Marques, 1995, como citado em Ramos, 2013, p.12)

Em 2007, a OMS preconizou que:

A sexualidade é um aspeto central do ser humano ao longo da vida e inclui sexo, género, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experienciada e expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem sempre elas são todas experienciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, sociais, económicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. (Beliz, 2018, p.16)

Constata-se ainda que "A sexualidade se torna, assim, uma propriedade intrínseca da vida humana: sem sexualidade, não há vida humana. A sexualidade deve, portanto, ser

considerada um direito fundamental e um aspeto central da identidade individual" (Cuskelly & Gilmore, 2007, citado em Ramos, 2013, p. 40).

Tal como Hoffmann e Chagas (1996) citado em Vargem (2013, p.10), referem: "a sexualidade não pode ser entendida como algo unicamente biológico devendo ser conceptualizada como parte integrante da nossa identidade básica, estando, portanto, relacionada com o processo evolutivo e com a própria experiência pessoal, num determinado contexto sócio-cultural."

É importante salientar que os aspetos sociais da sexualidade não são estanques, pelo contrário, têm evoluído ao longo dos tempos:

Com o advento da sociedade industrial, as crenças relativas à sexualidade alteraram-se, uma vez que essa nova cultura se baseia em conceitos de produção e consumo e rompe com os padrões da moral tradicional, procurando agora definir novos padrões, valores e costumes. (Ramos, 2013, p.45)

Vivemos atualmente uma "sociedade hipersexualizada e, mesmo que não queiramos falar sobre o assunto, o conteúdo chega-nos de todos os lados: televisão, revistas, músicas e Internet" (Beliz, 2018, p.23).

Deste modo, sendo a sexualidade tão natural, inata e abrangente ao nível dos aspetos físicos, mentais e sociais, torna-se urgente ter um olhar holístico sobre a mesma desde a infância.

1.1. Sexualidade na Infância

Na perspectiva biológica, no desenvolvimento intra-uterino, só após a sétima semana de gestação, o sexo do embrião diferencia-se nas suas características masculinas ou femininas, ou seja, até este tempo de gestação, os embriões do sexo masculino ou feminino possuem glândulas sexuais indiferenciadas, constituídas pelo mesmo tipo de células e tecidos (Paiva & Paiva, 2002, p.18).

Para além de ser observável os órgãos genitais de um feto, também se pode observar impulsos e manifestações sexuais, a partir da "décima sétima semana de gestação, onde se

pode ver a erecção peniana dos meninos (Calderone, 1985) e a lubrificação vaginal nas meninas (Albuquerque & Ramos, 2007, como citados em Ramos, 2013, p.40).

Em concordância com os autores citados, constata-se que a sexualidade surge mesmo antes do nascimento, prolongando-se até ao final da vida, sendo algo natural que faz parte da nossa existência física, psíquica e emocional.

Freud explicou o desenvolvimento humano e a constituição do aparelho psíquico através da evolução da Psicosexualidade, considerando que a sexualidade está integrada no nosso desenvolvimento desde o nascimento, evoluindo através de estádios, com domínio de uma zona erógena e tendo uma importância fulcral na estruturação da personalidade, atribuindo o conceito de sexualidade infantil à teoria psicanalítica. (Monteiro & Santos, 1999).

Freud sugeriu 5 estádios de desenvolvimento psicosexual: estágio oral (dos 0 aos 12/18 meses), no qual a sua zona erógena são os lábios e a cavidade bucal, relacionada com a amamentação e alimentação, que é uma atividade gratificante através da degustação e sucção. A fase anal, constitui o segundo estágio (entre os 12/18 meses até aos 2/3 anos), em que a criança passa a controlar os esfíncteres, tendo prazer na sua expulsão ou retenção, sendo a zona erógena a região anal e a mucosa intestinal. O estágio fálico (entre os 3 anos e os 5/6 anos) que corresponde à fase em que a zona erógena é a região genital quando se dá um maior interesse pelas diferenças anatómicas entre os sexos, às relações entre os pais e às interações entre homens e mulheres, têm brincadeiras onde exploram estes interesses. (Monteiro & Santos, 1999)

Monteiro e Santos (1999) referem que "Freud deu particular importância a este estágio por ser durante este período que as crianças vão vivenciar o complexo de Édipo, e por ser no final desta etapa que a estrutura da personalidade está formada com a existência de um superego" (p.174). O complexo de Édipo trata-se de uma atração que a criança sente pelo progenitor do sexo oposto. Deste modo, o menino investe a sua sexualidade até agora auto-erótica na mãe e a menina tenta seduzir o pai. Esta triangulação, pode gerar rivalidade, ciúmes, angústias, agressividade e culpabilidade.

A fase da latência (entre os 5/6 anos e os 12 anos) é um período de repressão dos desejos sexuais e impulsos erógenos, dando-se a amnésia infantil e disponibilidade interior para desenvolver competências e realizar aprendizagens diversas: escolares, sociais e culturais. Uma das grandes aprendizagens é a compreensão dos papéis sexuais - o que é ser mulher e ser homem na sociedade. A vergonha, o nojo e a repugnância são sentimentos que contribuem para controlar e reter a libido.

Por último, Freud apresentou o estágio genital (entre os 12 e os 18 anos- puberdade) que corresponde ao desenvolvimento adulto, tendo uma reativação da sexualidade e do complexo de Édipo, novas pulsões sexuais genitais e novas relações sociais (Monteiro & Santos, 1999).

Pode-se então, concluir que:

Quando falamos de sexualidade infantil, falamos de meninos e meninas cujos órgãos genitais estão pouco desenvolvidos e cujos caracteres sexuais secundários ainda não surgiram: a quantidade de hormonas sexuais no sangue é muito pequena; (. . .) as sensações de prazer ainda não adquiriram significado específico; não procuram prazer no outro, a atração pelas outras pessoas é afetiva e não sexual, são estímulos táteis os que têm maior poder para gerar respostas fisiológicas. A sexualidade infantil, por isso, é diferente da dos adultos. (Rio, 2010, p.8)

Deste modo, é essencial reconhecer que a sexualidade da infância difere da sexualidade do adulto, nomeadamente sobre o tema da auto-estimulação ou masturbação, sendo este aspeto esclarecido num artigo redigido pelo Grupo de Trabalho em Saúde Sexual e Reprodutiva (GTSSR) (2019), revisto por Cardoso (2020):

É normal, natural e saudável uma criança masturbar-se. Estudos realizados no início do século passado e que ainda se encontram atuais nos dias de hoje, indicam que as crianças começam a perceber e ter noção do seu corpo quando têm 4 a 6 anos de idade. Nesta idade começam a entender que sentem prazer a manipular os seus órgãos genitais. Esta “fase fálica do desenvolvimento sexual”, definida por Sigmund Freud, é considerada como parte integrante do desenvolvimento saudável de qualquer pessoa. Nesta idade, o ato de masturbação não é realizado com o mesmo objectivo que adolescentes e adultos, é uma manipulação principalmente sensorial, estão a descobrir os seus corpos e também as diferenças entre os diferentes corpos à sua volta.

Geralmente é quando atinge a adolescência que o ser humano começa a conhecer o seu lado mais sexual, a descobrir um novo mundo e procurando prazer ou apenas relaxar. Começará então a masturbar-se com objectivos diferentes do que quando era uma criança. (p.23)

Para além da teoria do desenvolvimento de Freud, também Erik Erikson propõe estágios de desenvolvimento, estando a faixa etária dos 3 aos 6 anos na 3ª idade, que corresponde ao estágio de iniciativa versus culpa. É caracterizada pela exploração, pela imaginação, iniciativa ou falta dela, o que gera responsabilidade e pode originar culpa. Esta exploração e curiosidade pelo mundo vai ao encontro da fase fálica da psicanálise, pois as crianças estão interessadas pelas diferenças sexuais (Monteiro & Santos, 1999; Alves, 2020).

Sendo a sexualidade na infância um tema importante e que faz parte do processo de desenvolvimento humano torna-se urgente perceber como é abordada a educação sexual no nosso país.

1.2. Educação Sexual em Portugal

A educação sexual surge como uma necessidade de orientar, esclarecer e potenciar as competências pessoais e sociais visto que, "quando se fala em sexualidade humana, fala-se necessariamente em educação sexual, pois a sexualidade deriva de um processo de educação sexual, embora culmine na personalidade individual, é constituído socialmente ao longo da vida" (Maia, 2001, como citado em Vargem, 2013, p.12).

Neste sentido, a Direção Geral de Educação (DGE) refere, no âmbito dos afetos e educação para a sexualidade, que a informação sobre sexualidade é essencial na educação para a saúde e bem-estar, tendo como objetivo uma vida saudável em sociedade, em que os jovens devem ser detentores de conhecimentos e desenvolver atitudes e comportamentos neste campo. Estes conhecimentos fundamentados serão essenciais para a sua consciencialização acerca da temática da sexualidade e da sua própria sexualidade individual.

Desde 1984, que está previsto em Portugal, o Direito à Educação Sexual e ao Planeamento Familiar (Lei nº3/84). Mas esta Lei não chegou a ser regulamentada em relação à educação sexual, apesar da importância da intervenção do Estado para garantir o direito à Educação

Sexual, preconizando a inclusão de conhecimentos científicos sobre anatomia, fisiologia, genética e sexualidade humana, adequados aos vários níveis de ensino. Foram apontados como motivos,

Para essa falta de regulamentação, nomeadamente a contestação que provocou nos sectores conservadores, mas isso não impediu que se fossem desenvolvendo atividades de educação sexual de carácter pontual em Portugal, protagonizadas geralmente por profissionais de saúde e pela Associação para o Planeamento familiar. (Vaz, 1996, como citado em Pontes & Ribeiro, 2015, p.7)

Em 1986, a Lei de Bases do Sistema Educativo situava a Educação Sexual numa nova área, definida como transversal - Formação Pessoal e Social. O Decreto-Lei nº 286/89, em 1989, criava a Área Escola que era vista como uma área curricular não disciplinar onde podiam ser desenvolvidas atividades de Educação Sexual com carácter inter e transdisciplinar. O Despacho nº 172 de 1993, do Ministério da Educação (ME) criou o Programa de Promoção e Educação para a Saúde que promoveu a realização de várias atividades e projetos nesta área.

Em 1998, o Relatório Interministerial para a elaboração do Plano de Ação em Educação Sexual e Planeamento Familiar apresentou algumas medidas concretas com vista ao cumprimento da Lei de 1984, que entendia a Educação Sexual como "uma componente essencial da educação e da promoção da saúde". O Decreto-Lei n.º 259/2000, que veio regulamentar a Lei n.º 120/99, referia que a organização curricular dos ensinos básico e secundário deveriam contemplar obrigatoriamente a abordagem da promoção da saúde sexual e da sexualidade humana quer numa perspetiva interdisciplinar, quer integrada em disciplinas curriculares, cujos programas incluíssem a temática. Os assuntos referenciados eram, nomeadamente: a sexualidade humana, o aparelho reprodutivo e a fisiologia da reprodução; a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA) e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), os métodos contraceptivos e o planeamento familiar, as relações interpessoais, a partilha de responsabilidades e a igualdade de géneros.

Entre 2005 e 2007, o Grupo de Trabalho sobre Educação Sexual (GTES), desenvolveu um quadro clarificador da educação sexual na escola, situando-a no contexto mais vasto da educação para a saúde. Deste modo, em 2006 e 2007, o Despacho 15987/2006 estabeleceu novas orientações que tornam mais clara a contextualização da educação sexual nas escolas,

que passa a ser uma das quatro componentes do Projeto de Educação para a Saúde (PES), que todas as escolas devem elaborar e implementar, e que ficaria sob coordenação de um professor designado pela escola para esse efeito.

A Lei n.º 60/2009, cuja regulamentação foi verificada na portaria nº196A/2010, preconizou que "constituem finalidades da educação sexual: a) A valorização da sexualidade e afetividade entre as pessoas no desenvolvimento individual, respeitando o pluralismo das concepções existentes na sociedade portuguesa" (p.5097), estabelecendo o regime da educação sexual em meio escolar, definindo os objetivos da educação sexual na escola e o seu enquadramento curricular e organizacional.

A educação sexual tornou-se obrigatória, pois a Lei prevê que cada criança e jovem tenha um mínimo de horas de educação sexual em cada ano de escolaridade – 6 horas nos 1º e 2º ciclos e 12 horas no 3º ciclo e ensino secundário, sendo a criação de gabinetes de saúde, já prevista pelo GTES, um aspeto central da implementação da educação sexual nas escolas.

Em 2012, foram extintas as Áreas Curriculares não disciplinares – Formação Cívica, Área de Projeto e Estudo Acompanhado. A extinção destas áreas constituiu uma barreira significativa à implementação não só da educação sexual, mas das outras componentes do programa de educação para a saúde. No entanto, em muitas escolas, continuam a ser implementados e promovidos projetos de educação para a saúde, existem gabinetes de educação para a saúde, bem como professores coordenadores de educação para a saúde. Estas atividades realizam-se, muitas vezes, de forma integrada nos horários letivos, e também através de atividades extracurriculares (Associação para o Planeamento da Família, 2021).

São inúmeras as vantagens da educação sexual para as crianças e para os jovens, Beliz (2018) refere que promove a responsabilidade, a aceitação das mudanças físicas e psicológicas, promove a reflexão em determinadas situações, capacita a gestão de emoções e sentimentos; aumenta a capacidade em lidar com as dúvidas e com os medos; melhora a capacidade de comunicação em sexualidade, tão importante na prevenção da violência sexual; identifica com mais facilidade comportamentos adequados e de risco.

Pode-se então concluir que “A educação sexual em Portugal foi, ao longo dos tempos, alvo de diversas abordagens, mas a sua implementação esteve sempre muito condicionada. Entretanto, a legislação tornou obrigatória a implementação da educação sexual nas escolas” (Pontes & Ribeiro, 2015, p. 9).

No Programa Educativo para a Saúde (PES) do Referencial de Educação e Saúde, paralelamente a questões como saúde mental e prevenção da violência, educação alimentar e a

atividade física, estão delineados para todos os níveis de ensino, desde o Pré-Escolar até ao secundário, alguns objetivos relacionados com o tema dos afetos e da educação para a sexualidade.

No capítulo de afetos e educação para a sexualidade do PES são apresentados seis subtemas: identidade e género; relações afetivas, valores, desenvolvimento da sexualidade; maternidade e paternidade e direitos sexuais e reprodutivos. Cada subtema expõe uma introdução e para cada objetivo, são exemplificados objetivos específicos a atingir para cada um dos níveis de ensino: Educação Pré-escolar, 1º Ciclo do Ensino Básico; 2º Ciclo do Ensino Básico; 3º Ciclo do Ensino Básico; e Secundário.

1.3. Educação sexual na Educação Pré-Escolar

Apesar do historial de progressos e recuos da implementação da Educação Sexual no ensino básico e secundário, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) não especificam a Educação Sexual, no entanto, apresentam como objetivo a adquirir pela criança: "Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros. Reconhecer e valorizar laços de pertença social e cultural" (Silva et al., 2016, p.34).

As competências de construção da identidade e da autoestima têm como finalidade o reconhecimento e aceitação das características individuais, a identidade e igualdade de género, o reconhecimento e laços de pertença social e cultural. A construção da autoestima depende, então, da forma como os adultos, nomeadamente o educador, valorizam, respeitam, estimulam a criança e encorajam os seus progressos, pelo modo como apoiam as relações e interações no grupo, para que todas as crianças se sintam aceites e as suas diferenças sejam consideradas como contributos para enriquecer o grupo e não como fonte de discriminação ou exclusão.

Ser menino ou menina é um aspeto central na construção da identidade e as crianças em idade pré-escolar vão assumindo comportamentos de acordo com as expectativas culturais sobre o que é apropriado fazer enquanto membro de um ou de outro grupo, manifestando estereótipos culturais referentes aos homens e às mulheres. Daí que o educador tenha um papel de grande importância para ajudar a esclarecer as crianças sobre estes estereótipos discriminatórios, questionando situações que vão ocorrendo na vida diária do grupo e refletindo com elas sobre as suas atitudes, podendo recorrer a materiais pedagógicos, tais como livros didáticos que abordem o desenvolvimento sexual dos seres humanos, dos animais, das plantas e atividades que favoreçam uma educação sexual saudável e consciente.

Nas OCEPE é sugerido que a criança adquira determinadas competências, como: identificar as suas características individuais (sexo, idade, nome, etc.); reconhecer semelhanças e diferenças com as características dos outros; verbalizar as necessidades relacionadas como o seu bem-estar físico; expressar as suas emoções e sentimentos e reconhecer também emoções e sentimentos dos outros; manifestar os seus gostos e preferências; manter e justificar as suas opiniões, aceitando também as dos outros; representar papéis e situações da sua cultura familiar em momentos de jogo dramático; reconhecer a sua pertença a diferentes grupos sociais; identificar e valorizar traços da sua cultura familiar, mas também os de outras culturas (Silva et al., 2016).

O Programa Educativo para a Saúde (PES) apresenta também alguns objetivos gerais para o Pré- Escolar, relacionados com o tema dos afetos e da educação para a sexualidade: desenvolver a consciência de ser uma pessoa única no que respeita à sexualidade, à identidade, à expressão de género e à orientação sexual; desenvolver uma atitude positiva no que respeita à igualdade de género; reconhecer a importância dos afetos no desenvolvimento individual; reconhecer a importância das relações interpessoais; valorizar as relações de cooperação e de interajuda; desenvolver valores de respeito, tolerância e partilha; ser capaz de aceitar e integrar as mudanças físicas e emocionais associadas à sexualidade, ao longo da vida; ser responsável para consigo e para com os outros; refletir para o desenvolvimento de um projeto de vida (2017).

Os objetivos específicos contemplados na educação Pré- Escolar são: tomar consciência da diversidade das expressões e identidades de género; desconstruir os diferentes papéis socioculturais em função do sexo; discutir o significado da promoção da igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres; identificar as suas próprias emoções e saber comunicá-las; identificar e respeitar as emoções dos outros; compreender diferentes formas de expressar as emoções; saber distinguir diferentes expressões afetivas; identificar a importância das relações afetivas nos diferentes contextos de vida (família, escola, amigos, sociedade); atuar de modo assertivo nas diversas interações sociais; reconhecer a importância de colaborar de forma ativa nas atividades do dia-a-dia, participando na sua criação e dinamização; desenvolver as capacidades de comunicação, gestão de conflitos e de trabalho de grupo/equipa; expressar respeito por si, pelo outro e pelo meio; identificar e respeitar diferenças individuais e socioculturais; desenvolver atitudes de cooperação e interajuda (2017).

Em concordância com Forreta (2002) e Associação para o Planeamento da Família (APF) (2021), são apresentados objetivos da educação sexual para a Educação Pré-Escolar, estando organizados no que diz respeito aos conhecimentos, atitudes e competências.

Assim, como conhecimentos a adquirir pela criança, definem: as principais partes do corpo humano e das suas características em cada sexo; os papéis sexuais e das necessárias exceções; os sistemas reprodutores humanos, os elementos essenciais acerca da concepção, da gravidez e do parto; os cuidados ao recém-nascido; as relações de parentesco e de tipos de família; a apropriação das várias formas de contacto físico nos diferentes contextos de sociabilidade (p.51).

Por sua vez, identificam como atitudes a promover na criança: aceitação das diferentes partes do corpo e do esquema corporal; aceitação da sua identidade sexual; relativização dos papéis de género; valorização das relações afectivas com a família e com os pares; valorização das relações de cooperação e interajuda; aceitação dos direitos dos outros em decidir acerca do próprio corpo. (Forreta, 2002, p.51; APF, 2021)

Por fim, relativamente às competências que a criança deve adquirir, são mencionadas a capacidade de expressar opiniões e sentimentos; comunicar acerca de temas relacionados com a sexualidade; cuidar autónomo da higiene do seu corpo; actuar de modo (crescentemente) assertivo nas diversas interacções sociais, envolvendo familiares, amigos, educadores, colegas e desconhecidos; adequar as várias formas de contacto físico aos diferentes contextos de socialização; procurar ajuda em situações em que se sinta injustiçada, abusado ou em perigo, como por exemplo casos de abuso (Forreta, 2002, p.51; APF, 2021).

Também a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2019), nas Orientações técnicas internacionais e educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências, apresenta oito conceitos-chave, sendo estes: os relacionamentos, valores, direitos, cultura e sexualidade, entender de género, violência e garantia de sexualidade, habilidades para a saúde e o bem-estar, o corpo humano e o seu desenvolvimento, sexualidade e comportamento sexual e saúde sexual e reprodutiva. Estes conceitos-chaves são constituídos por tópicos com ideias e objetivos de aprendizagem, com base em conhecimentos, atitudes e habilidades, destinados a várias faixas etárias, a partir dos 5 anos de idade.

No que diz respeito aos relacionamentos, estão incluídos os tópicos: famílias; amizades; amor e relacionamentos amorosos; tolerância, inclusão e respeito; compromissos de longo prazo e parentalidade. Por sua vez, nos valores, direitos e sexualidade, são

apresentados como tópicos: valores e sexualidade; direitos humanos e sexualidade; cultura, sociedade e sexualidade.

Ao nível do conceito-chave de entender o género, são sugeridos os tópicos: construção social de género e normas de género; igualdade, estereótipos e preconceito de género; violência baseada em género.

Em relação ao conceito-chave da violência e garantia de segurança, enuncia os seguintes tópicos: violência, consentimento, privacidade e integridade corporal; utilização segura das Tecnologias de Informação e Comunicação. Associado ao conceito de habilidades para a saúde e o bem-estar, encontram-se os tópicos: normas de comportamento sexual e influência por pares; tomada de decisões; habilidades de comunicação, recusa e negociação; alfabetização mediática e sexualidade; buscar ajuda e apoio.

Quanto ao conceito-chave - o corpo e o seu desenvolvimento, encontram-se os tópicos: anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva; reprodução; puberdade; imagem corporal. Sexualidade e comportamento sexual, é outro dos conceitos chave, tendo como tópicos: sexo, sexualidade e ciclo de vida sexual e comportamento sexual e resposta sexual.

Por último, o conceito-chave de Saúde sexual e reprodutiva, sugere os tópicos gravidez e prevenção da gravidez; HIV e SIDA; entender, reconhecer e reduzir o IST.

É, pois, essencial que se definam projetos e atividades desde o contexto de educação Pré-Escolar que possibilitem às crianças desta faixa etária, a clarificação de conceitos e a aquisição de conhecimentos acerca da sexualidade. Neste sentido, Beliz (2018) realça a importância da prevenção da violência de género, das consequências da erotização precoce, da prevenção da violência sexual, da normalidade de certas brincadeiras e jogos infantis; da normalidade da estimulação genital, da descoberta de si e do outro na faixa etária do pré-escolar.

Neste processo de construção de identidade e da autoestima, o reconhecimento das características singulares de cada criança aplica-se a todas as crianças, inclusivamente às crianças com necessidades educativas específicas. De facto:

O objetivo da educação deve ser o mesmo para qualquer aluno: o desenvolvimento da autonomia e a identidade pessoal. Os meios para alcançar é que podem ser diferentes.

Se as NEE são um problema devemos procurar a solução adequada dentro da

comunidade educativa, envolvendo o meio menos restritivo possível, utilizando os meios educativos apropriados. (Carvalho & Peixoto, 2000, p.57)

1.4. Necessidades Educativas Específicas e Inclusão

O conceito de necessidades educativas especiais surge em 1978, publicado no *Warnock Report*, em Londres.

Este conceito, marcou a educação, pois afastou o paradigma médico-psicológico, em que havia uma crescente valorização de classificações e de défices, conduzindo à estigmatização, à discriminação e despersonalização dos alunos com incapacidades.

Apesar desta intenção, o conceito de necessidades educativas especiais tornou-se num grupo homogéneo como deficitário em algum aspeto do seu desenvolvimento ou na sua aprendizagem. Madureira (2008), conclui que ao longo do tempo vários autores defenderam que o conceito assenta em que qualquer aluno pode apresentar alguma dificuldade na aprendizagem, ao longo do seu percurso escolar, comparativamente com a sua faixa etária.

Neste sentido, define-se pessoas com NEE, as que demonstram diferenças significativas ao nível físico, sensorial, intelectual e psíquico e ainda as que apresentam altas capacidades e sobredotação. De acordo, Rodrigues e Souza (2007, estas diferenças são “decorrentes de fatores inatos ou adquiridos, de caráter temporário ou permanente, e que de alguma forma, na interação dinâmica com os fatores sócio-ambientais, resultem em necessidades singulares no ambiente escolar.” (p.28)

De acordo com Correia (1999), o termo NEE vem dar resposta ao princípio da democratização das sociedades, pois reflete a necessidade de intervir a nível pedagógico e de proporcionar uma igualdade de direitos, nomeadamente no que diz respeito à não discriminação por razões de raça, uma igualdade de direitos e não discriminação a toda a criança e adolescente em idade escolar.

Correia (1997, como citado em Correia, 1999) refere-se ao conceito de NEE, afirmando que se aplica a crianças e adolescentes com problemas sensoriais, físicos, intelectuais e emocionais e, também com dificuldades de aprendizagem derivadas de fatores orgânicos ou ambientais, podendo ser divididas em dois grupos: NEE permanentes ou NEE temporárias. Tal é referido por Sim-Sim (2008), quando afirma que:

Os obstáculos à aprendizagem, que podem configurar um carácter esporádico, temporário ou permanente, não são particularidade deste ou daquele aluno, mas do caminho para construir a aprendizagem e superar os impedimentos decorrentes das suas características e necessidades específicas. A singularidade das necessidades das crianças marca as dificuldades que o professor pode enfrentar na gestão da aprendizagem da classe. (p.7)

Defende-se então que as crianças com Necessidades Educativas Específicas têm os mesmos direitos e deveres que todas as outras crianças, pois as crianças com deficiência têm um desenvolvimento psicossocial igual ao de uma criança sem patologia, porém necessitam apenas de mais tempo para passar de um estágio ao outro (Loureiro, 2001, citado em Ramos, 2013). Porém, de acordo com Nichny (1992, citado em Ramos, 2013), devemos ter em atenção de que as crianças com deficiência mental, por serem mais suscetíveis ao abuso sexual devem assimilar desde pequenas que têm o direito a serem tocadas ou não.

Neste sentido, pode-se então referir-se que “a inclusão de todas as crianças implica a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características individuais de cada uma e atendam às suas diferenças, apoiando as suas aprendizagens e progressos” (Silva et al., 2016, p.10). Assim sendo, cabe ao educador e à família elucidar e transmitir à criança conhecimentos e competências no âmbito da sexualidade que são e serão fundamentais para o seu desenvolvimento.

De facto, ao longo dos tempos, surgiram algumas declarações fundamentais para que a humanidade se consciencializasse da verdadeira importância da inclusão de todos, na sociedade. A Declaração Universal dos Direitos do Homem, pela Organização Nações Unidas, em 1948; a Convenção dos Direitos da Criança, também pela ONU, em 1959; sendo esta última reafirmada na Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência em 2006, da ONU (Pereira et al., 2018, p.11); a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em 1990, em Jomtien, Tailândia (Rodrigues & Souza, 2007, p.15).

Um grande marco, no que diz respeito à inclusão, foi a criação da Declaração de Salamanca (UNESCO), de 1994, sobre princípios, política e prática em educação especial, onde é realçado que todas as crianças têm direito à educação. A Declaração de Salamanca veio dar uma nova definição ao conceito NEE (necessidades educativas especiais), pois para além das crianças com deficiência mental ou motora, estavam incluídas também crianças com dificuldades escolares, de aprendizagem, com diversas perturbações ou até mesmo problemas

de ordem social. Todas as crianças, independentemente do seu estatuto, etnia, condição, características ou especificidades, devem ter as mesmas oportunidades dentro da comunidade escolar, com a devida assistência e apoios, em que os domínios cognitivos, sociais, motores e emocionais sejam estimulados e desenvolvidos.

Segundo a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) sobre a educação inclusiva, refere que como princípio orientador: “as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos” (p.9). Pois, se as diferenças individuais forem valorizadas, independentemente das condições pessoais, sociais e culturais, todos os intervenientes são beneficiados no seu desenvolvimento.

Em Portugal, verificam-se os primeiros passos na educação especial com os ideais da Revolução de Abril, na década de 70. São criadas classes especiais com crianças com deficiências físicas e mentais na integração da escola pública, com o Decreto-Lei nº 174/77 e com o Decreto-Lei nº 35/90 foi anulado o sistema de dispensa da obrigação escolar através de atestado comprovativo de deficiência.

Foi com a Lei de Bases do Sistema Educativo nº 46/86 que se criou o sistema educativo português, com um conjunto de meios destinados a concretizar o direito à educação, como garantia de igualdade de oportunidades, ao promover o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade. (Carvalho & Peixoto, 2000)

Recentemente, foi criado o Decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho, que pretende estabelecer normas e princípios que asseguram a inclusão, num processo de maior participação nos processos de aprendizagem e da vida comunitária, a fim de responder às necessidades e a potencialidade de todos e de cada uma das crianças.

Este decreto-lei veio mostrar que todas as crianças, qualquer que seja a sua dificuldade ou necessidade, têm direito a apoio e intervenção. Numa educação sem rótulos, numa visão holística, em que cada criança é vista como ser único e especial e que terá uma equipa multidisciplinar ao seu dispor, se precisar.

Neste caminho:

O compromisso em garantir uma Educação para Todos foi reafirmado na «Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável» (UE, 2015) tem um dos objetivos a

alcançar até 2030: «Assegura a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos» (objetivo 4). (Borges, 2020, p.16)

Deste modo, pode-se reconhecer que para a inclusão de todas as crianças é fundamental a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas e ajustadas a cada realidade. É essencial ir ao encontro das especificidades e necessidades individuais de cada uma delas, pois somente desta forma é possível existir uma efetiva aprendizagem e progresso. Neste sentido, Silva et al., (2016) afirmam que:

A interação e a cooperação entre crianças permitem que estas aprendam, não só com o/a educador/a, mas também umas com as outras. Esta perspetiva supõe que o planeamento realizado seja adaptado e diferenciado, em função do grupo e de acordo com características individuais, de modo a proporcionar a todas e a cada uma das crianças condições estimulantes para o seu desenvolvimento e aprendizagem, promovendo em todas um sentido de segurança e autoestima. (p.10)

Todas as crianças e jovens, independentemente do grau de deficiência, passarão etapas comuns e chegarão à puberdade e à adolescência, como tal, é ainda mais importante que recebam apoio e lhes seja proporcionada toda a informação, para que possam proteger-se e crescer mais felizes (Beliz, 2018).

Em suma, a infância é um período da vida fulcral ao nível das relações interpessoais. De facto, a criação de vínculo afetivo coeso e estruturado, a socialização com o adulto e pares, e a interação positiva com o outro faz com que a criança compreenda a importância e a necessidade da existência de relações pessoais e sociais com o outro. Como sabemos, estas são aprendizagens cruciais para a vida. Neste sentido, e de acordo com Sousa (2020), a inclusão é um elemento chave ao nível das relações com o outro, pois favorece as relações de amizade, evidencia qualidades individuais e permite o reconhecimento pelos pares. Estas habilidades são promovidas desde a infância e cabe ao educador na sua prática pedagógica promover a inclusão e as relações interpessoais.

1.5. Intervenção precoce na infância

Entende-se a Intervenção Precoce na Infância (IPI) como uma forma de ação e de apoio a crianças com alguma dificuldade de desenvolvimento ou de risco, e às suas famílias, bem como ao contexto onde estão inseridas. A sua implementação começa desde o momento de diagnóstico, que pode ser pré-natal, até à sua entrada na escolaridade obrigatória, ou seja, desde a deteção à identificação, até à intervenção.

A intervenção precoce na infância visa estimular e potenciar o desenvolvimento da criança, promovendo o seu bem-estar e da sua família, minimizando os riscos associados à privação dos direitos das crianças.

Para tal, é necessária a existência de uma equipa multidisciplinar, que envolva profissionais, a família e o meio ecológico da criança.

O Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância, SNIPI, foi criado pelo Decreto-Lei nº281/2009, sendo composto por Equipas Locais de Intervenção (ELI), que com as equipas multidisciplinares apoiam as crianças, conforme o que necessitarem.

Tal como a Direção Geral da Saúde esclarece:

O SNIPI funciona através da atuação coordenada dos Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social, da Educação e da Saúde, conjuntamente com o envolvimento das famílias e da comunidade. O SNIPI tem a missão de garantir a Intervenção Precoce na Infância, entendendo-se como um conjunto de medidas de apoio integrado centrado na criança e na família, incluindo ações de natureza preventiva e reabilitativa, no âmbito da educação, da saúde e da ação social. A intervenção precoce junto de crianças até aos 6 anos de idade, com alterações ou em risco de apresentar alterações nas estruturas ou funções do corpo, tendo em linha de conta o seu normal desenvolvimento. São as Equipas Locais de Intervenção que dispõem de uma educadora de intervenção precoce, que apoia cada criança, a sua família, estabelecendo relação com a educadora titular e com todos os técnicos de apoio necessários na educação da criança; inclusivamente na realização do PIIP, Plano Individual de Intervenção Precoce. (DGS, 2021)

1.6. O papel do/a Educador/a de Infância e a Formação em Educação Sexual

A prática pedagógica do/a educador/a de infância é marcada pela intencionalidade educativa, sendo através da constante reflexão, que adapta a sua ação ao contexto e à sua realidade educativa. Os/As educadores/as são confrontados com questões e situações, com as quais têm de agir e refletir. De facto, o meio escolar pode e deve ser um local de excelência para a clarificação das questões formuladas pelas crianças, cujas questões nem sempre são clarificadas em casa, pois em anuência com Rio (2021), a criança tem o direito de saber, de receber a informação correta e clara de acordo com a sua faixa etária.

Assim sendo, quando as crianças chegam aos seus contextos educativos nomeiam os seus órgãos genitais de diversas formas, o que conseqüentemente gera contradições e dúvidas; visto que, de acordo com Rio (2010) “para além da inquietude de não saber por que razão são diferentes anatomicamente, ouvem muitas palavras diferentes sem saberem que se referem aos órgãos genitais dos meninos ou das meninas” (p.52).

Como consequência, é natural que as crianças fiquem mais confusas em relação aos termos que devem empregar aos seus órgãos genitais e a outros conceitos, como tal, “o nome real é o único termo que os docentes (e afins) e as crianças, em geral, deverão estar capacitados para compreender” (Rio, 2010, p.52).

No entanto, e ainda de acordo com Rio (2010), se os docentes empregarem as designações corretas na sala de atividades, é fundamental informar os pais acerca desta utilização pois, o ideal é que no contexto familiar seja utilizado o mesmo vocabulário.

Esta comunicação com os pais é essencial, pois tal como refere Marques et al (2002), quando a comunicação entre a escola e as famílias está garantida, de forma a que as famílias compreendam as intenções e práticas dos educadores em relação à educação sexual, os pais não levantam oposição ao tema.

Também o tema do abuso e violência sexual deve ser abordado com naturalidade pelo educador de infância, tendo o cuidado de:

Para não nos centrarmos neste tema e evitarmos que vejam a sexualidade como algo negativo ou mau, devemos incluir a regra de não deixar que ninguém nos toque nos seus órgãos genitais quando lhes falamos de outras regras de segurança pessoal, como: não brincar com o fogo, olhar para os dois lados da rua quando se vai atravessar, não mexer em produtos tóxicos, etc. (Rio, 2010, p.75)

Deste modo, reconhece-se a necessidade de implementação de estratégias na educação pré-escolar que visem uma prática pedagógica que estimule a participação, o questionamento e a aquisição de uma consciência individual da criança. Como tal, será fundamental:

Gerir o recurso a aprendizagens expositivas, que apelem ao uso de memória. Estas quando utilizadas, devem fazer-se através do recurso a situações lúdicas, canções, lengalengas, histórias, etc. (. . .), privilegiando atividades que envolvam a experimentação, de acordo com a faixa etária, aos interesses e necessidades das crianças, de forma a desenvolver a consciência, a reflexão e o espírito crítico. (Forreta, 2002, pp.52-53)

A postura do/a educador/a de infância deve ser natural, perante as diversas situações que surgem no quotidiano da prática profissional, e de bastante criatividade para explorar a educação sexual, pois: “O objetivo educativo consistirá em ampliar o leque de escolha de comportamentos oferecidos, sem que as crianças se vejam limitadas pelo que é prescrito pelo estereótipo do género” (Rio, 2010, p.57). Temos como exemplo, a não diferenciação dos brinquedos, tendo em conta o género da criança, permitindo que todos os brinquedos e áreas da sala de atividades possam ser explorados pelas crianças de ambos os sexos. A forma de agir dos/as educadores/as de infância deve ser sem preconceitos em relação ao género, orientação sexual, papéis sexuais e sem limitações impostas pelos valores políticos ou religiosos; sendo também de realçar “a importância de os professores avaliarem e conhecerem sua própria sexualidade, para então ter o domínio emocional e cognitivo capacidade de transmitir o conteúdo correto aos alunos” (Cruz, 2016, 34).

Por sua vez, também o investimento em formação profissional e pessoal do educador de infância é muito importante para o seu desempenho profissional, pois dá-lhe ferramentas para agir com mais segurança, coerência e conhecimento.

De facto, em contexto de sala, cada criança é um ser único e individual, tendo o próprio ritmo de aprendizagem, as suas características, interesses e dificuldades. Como tal, é cada vez mais importante para o/a educador/a, adquirir formação para que possa desempenhar da melhor forma as suas múltiplas funções, nomeadamente no âmbito das Necessidades Educativas Específicas:

Esta formação acontece no curso de formação inicial, através de disciplinas e espaços curriculares que tratem das questões do aluno com necessidades educacionais especiais e/ou através de oportunidades de formação continuada que lhe permitam, em sala de aula, não só identificar as necessidades educacionais especiais, mas ter condições gerais para atendê-las, acionar a rede de apoio especializado e mesmo solicitar os recursos educacionais especiais pertinentes para garantir o sucesso do processo ensino-aprendizagem de todos os alunos. (Rodrigues & Souza, 2007, p.44)

A formação na educação pode-se considerar implícita ou explícita, sendo que a educação sexual implícita, corresponde a:

Uma aprendizagem contínua, ao longo da vida, ou seja, é informal, ocasional, não intencional. Tem a ver com as informações transmitidas pelos familiares, amigos, professores (modelos reais de observação), com as reações a situações relacionadas com a sexualidade e afetividade das pessoas. Neste contexto relacional há aprendizagem da sexualidade por modelagem, processo importante na educação sexual informal (Vieira, 2013, p.29).

Por sua vez, quanto à formação explícita da educação sexual:

Tem por base processos estruturados e/ou planeados, que não dizem só respeito à escola, mas que implicam programação, objetivos e conteúdos. Neste tipo de aprendizagem aparece a educação sexual não formal e a educação sexual formal. A primeira, a educação sexual não formal, refere-se aos processos intencionais de educação extracurriculares, desenvolvidos na escola e/ou paralelamente ao ensino formal, como por exemplo, através de associações de intervenção social, de

voluntariado ou de organizações de apoio à juventude. A educação sexual formal refere-se aos processos intencionais e programados viabilizados pelo currículo, onde são organizados programas de educação sexual com objetivos e conteúdos, à luz de um quadro de valores éticos (Vieira, 2013, pp.29-30).

Tal como refere Cardoso e Peixoto (2000), “a formação contínua é um conceito que encerra um dos aspectos mais básicos e mais ocultos do poder da educação: a continuidade como uma condição necessária ou indispensável do desenvolvimento humano” (p.95). Neste sentido, é ao adotar uma atitude reflexiva e construtiva que o educador se constrói enquanto profissional, e melhor compreende os comportamentos da criança, de forma a estimulá-la e apoiá-la da forma adequada.

Em suma, ao assumir um carácter instruído e reflexivo em relação à sua prática, o/a educador/a consegue dar uma melhor resposta às necessidades da criança.

1.7. O papel da família

A família tem um papel imprescindível, relativamente à responsabilidade inicial da educação pessoal e social da criança, não obstante, deve existir uma continuidade no contexto escolar, resultando desta uma parceria entre o contexto familiar e o contexto escolar.

Assim sendo, e de acordo com Pereira et al. (2018):

Os pais ou encarregados de educação têm o direito e o dever de participar e cooperar ativamente em tudo o que se relacione com a educação do seu filho ou educando bem como aceder a toda a informação constante no processo individual do aluno, designadamente no que diz respeito às medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão. (p.15)

A escola deve incutir uma articulação entre pais, professores e educadores, e sempre que possível, a própria criança, promovendo o diálogo e colaboração de todos os intervenientes.

Os pais e toda a família envolvente devem ter consciência de que é importante abordar a educação sexual, desde sempre, passando valores importantes, pois "a partir do momento que a criança começa a socializar com os outros, cabe à família ajudá-la a compreender as primeiras noções de privacidade. Ao longo da infância, deve ser-lhe explicada a diferença entre público e privado" (Beliz, 2018, p.56).

Os pais devem aproveitar o quotidiano para explorar determinados conceitos, visto que todos os dias recebemos notícias de casos de violência de género, ou de violência sexual, é fundamental que tenhamos a consciência de que podemos fazer a diferença protegendo as nossas crianças, orientando-as, como fizeram connosco ou, simplesmente, gostaríamos que tivesse acontecido. Essas orientações, esses conselhos, fazem parte do que chamamos educação sexual informal em que a família é o principal agente (Beliz, 2018).

É importante que os pais tenham ciente que:

A boa comunicação com os filhos começa de pequeno, mais tarde é difícil recuperar a fluidez e a confiança não exercitadas. As crianças que aprendem a comunicar aos seus progenitores os seus desejos, dúvidas e inquietudes terão menos dificuldades para serem abertas com pessoas que venham a relacionar-se mais intimamente. (Rio, 2010, p.55)

Em concordância com Beliz (2018), são várias as vantagens em abordar a educação sexual em família, nomeadamente: promover a confiança dentro da família; transmitir segurança, proximidade e cumplicidade; permitir esclarecer mitos e as ideias erradas que existam; transmitir valores importantes à família; reduzir comportamentos de risco, como a violência sexual; promover a auto-estima; facilitar a compreensão da sexualidade como um todo: afetos, emoções, relação, responsabilidade.

É importante realçar uma cláusula da portaria 196-A/2010 que refere: "Sem prejuízo do disposto no número anterior, o conselho pedagógico deve assegurar que os pais e encarregados de educação sejam ouvidos em todas as fases de organização da educação sexual no respetivo agrupamento de escolas ou escola não agrupada" (1170-3), pois é outra vertente importante da Educação Sexual - a participação e acompanhamento da família.

Apesar da presença dos pais na escola ser cada vez mais uma constante, um dos grandes desafios que se coloca é tornar a sua participação efetiva, sendo para isso

fundamental que a escola disponibilize informação perceptível, estabeleça uma boa comunicação, crie uma relação de confiança e promova uma cultura de envolvimento dos pais (Pereira et al., 2016).

A postura das famílias é fundamental, pois:

Com efeito, as crianças de hoje são bombardeadas com imagens e linguagens que, inicialmente, não entendem, mas que vão interiorizando e que as despertam precocemente para realidades tão aliciantes quanto perturbadoras. As crianças nem sempre verbalizam estas experiências e os seus pais, por seu turno, podem não lhes prestar a devida atenção. Sem disso se darem conta, perdem assim a oportunidade de contribuir para uma mais equilibrada integração de tais experiências no crescimento e maturação dos seus filhos. (Dias et al., 2002, p.11)

De um modo geral, a utilização de um discurso claro, correto e objetivo por parte da família e do/a educador/a contribuí bastante para uma aprendizagem eficaz da criança. Acima de tudo, é fundamental que se normalizem os nomes científicos relacionados com a sexualidade e órgãos genitais, a fim de transmitir conhecimentos científicos à criança, principalmente quando esta manifesta algumas dificuldades na apreensão da realidade.

Capítulo II – Estudo Empírico

2. Metodologia

2.1. Natureza do estudo

Para a minha investigação sobre as percepções dos educadores de infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas, privilegie pelo paradigma qualitativo e descritivo, pois assenta numa perspetiva compreensiva e interpretativa dos fenómenos sociais, embora exija uma grande capacidade de crítica, reflexão e intuição na análise de dados, mas é um processo de investigação que permite ao investigador dar sentido ao problema em estudo.

A investigação qualitativa desenvolve-se através de uma atividade disciplinada, organizada e rigorosa nas interpretações teóricas e nos dados empíricos, tendo também uma dimensão filosófica, devido ao questionamento sobre os fenómenos. Este tipo de investigação tem vindo a afirmar-se cada vez mais no campo da educação pela sua relação com a natureza dos fenómenos em estudo e consciência de que estes estão relacionados com o contexto social, histórico e político em que se inserem (Lüdke & André, 1986). Por outro lado, a investigação qualitativa permite ao investigador estudar os problemas em maior profundidade e detalhe (Patton, 1990).

De acordo com Afonso (2005) “a investigação qualitativa preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade” (p.14).

Deste modo, concluí-se que esta abordagem tem como objetivo uma compreensão holística do que é analisado neste estudo, pois de facto:

A abordagem qualitativa, refere-se a estudos de significados, significações, resignificações, representações psíquicas, representações sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspetivas, vivências, experiências de vida, analogias. Tem abordado, entre outros temas: mecanismos de adaptação; adesão e não adesão a tratamentos; estigma; cuidados; reações e papéis de cuidadores

profissionais e familiares; fatores facilitadores e dificuldades frente à profissão / frente ao tratamento / frente às condições de trabalho (Turato, 2003, p.262, citado em Martins & Bógus, 2004).

Neste sentido, considero que ao analisar os dados adquiridos através das entrevistas realizadas tenho a oportunidade de compreender e relacionar acontecimentos vivenciados pelas educadoras de uma forma objetiva, enquanto investigadora. Assim sendo, pretendo ser rigorosa relativamente aos dados apresentados, salvaguardando sempre o respeito e o rigor pelos intervenientes neste estudo.

Os métodos qualitativos produzem explicações contextuais para um pequeno número de casos, com uma ênfase no significado (mais que na frequência) do fenómeno. O foco é centralizado no específico, no peculiar, almejando sempre a compreensão do fenómeno estudado, geralmente ligado a atitudes, crenças, motivações, sentimentos e pensamentos da população estudada. As técnicas qualitativas podem proporcionar uma oportunidade para as pessoas revelarem seus sentimentos (ou a complexidade e intensidade dos mesmos); o modo como falam sobre suas vidas é importante; a linguagem usada e as conexões realizadas revelam o mundo como é percebido por elas (Spencer, 1993, citado em Martins & Bógus, 2004).

No paradigma qualitativo, é permitido ao entrevistado refletir sobre as suas ações e pensamentos, expressando assim as suas emoções através do discurso ou da sua postura.

2.2. Questão de partida

A melhor forma de começar um trabalho de investigação em ciências sociais consiste em esforçar-se por enunciar o projeto sob a forma de uma pergunta de partida. Com essa pergunta de partida, o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível

aquilo que procura saber, elucidar, compreender melhor. A pergunta de partida será o fio condutor da investigação. (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.44)

Deste modo, esta investigação apresenta a seguinte questão de partida: Quais são as percepções dos educadores de infância face ao tema da educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas?

2.3. Objetivo geral

O objetivo principal deste trabalho passa por: compreender as percepções dos/as Educadores/as de Infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas.

2.4. Objetivos específicos

- Perceber se os/as educadores/as de infância abordam esta temática;
- Conhecer a postura dos/as educadores/as face a este tema;
- Perceber se os/as educadores/as têm uma preocupação e uma postura diferente perante as crianças que apresentem Necessidades Educativas Específicas;
- Conhecer algumas experiências e preocupações;
- Compreender a comunicação com as famílias.

2.5. Participantes

Este trabalho de investigação segue a metodologia de investigação qualitativa através da aplicação de entrevistas semiestruturadas a seis educadoras de infância que exercem atividade numa Instituição Particular de Solidariedade Social, na região do Algarve. Não foi possível entrevistar nenhum profissional do sexo masculino uma vez que apenas trabalham na instituição profissionais do sexo feminino.

Estas entrevistas foram realizadas em vídeo chamada, pela plataforma Zoom, ou presencialmente, conforme a disponibilidade dos intervenientes e as condições de segurança de saúde pública inerentes às orientações da Direção Geral de Saúde, visto que atravessamos uma fase de pandemia devido ao vírus da Covid-19.

As entrevistas foram gravadas em áudio, com o consentimento de cada participante, e com a garantia de confidencialidade.

As educadoras de infância entrevistadas são identificadas pelas iniciais: EI1, EI2, EI3, EI4, EI5 e EI6.

Metade das educadoras de infância possui o grau de licenciatura e a outra metade investiu no grau de mestrado, na sua formação académica.

As faixas etárias das entrevistadas são variadas, pois a educadora mais nova tem 29 anos e a mais velha contempla 51 anos de idade, tal como se pode verificar na Tabela 2.1.

Tabela 2.1

Faixa etária das educadoras de Infância inquiridas

Faixa etária	Número de Educadoras de Infância
20- 29 anos	1
30- 39 anos	2
40-49 anos	2
50-59 anos	1

De acordo com as fases da carreira de docentes apresentadas por Gonçalves (2000), e que constam na tabela 2.2, a amostra de educadoras que deram o seu testemunho nas entrevistas enquadraram-se entre a 2ª e a 5ª fase de carreira profissional.

A educadora mais nova encontra-se na segunda etapa, a qual é caracterizada pela segurança, entusiasmo e maturidade. Na terceira fase, enquadraram-se duas educadoras, sendo esta etapa caracterizada pela dualidade do empenhamento e entusiasmo ou descrença e rotina.

Uma outra educadora de infância, encontra-se na quarta fase, que é descrita como um estágio de reflexão e satisfação pessoal

Na última fase de carreira, situam-se as duas educadoras com mais tempo de serviço; sendo esta etapa apresentada como uma dualidade de renovação do interesse e do entusiasmo versus desencanto (desinvestimento e saturação).

Tabela 2.2

Anos de serviço das educadoras de Infância inquiridas e respetiva etapa/fase da carreira

Anos de serviço	Número de Educadoras de Infância	Etapas da carreira (Gonçalves, 2000)
1-4 anos	0	Fase 1- Início
5-7 anos	1	Fase 2- Estabilidade
8-14 anos	2	Fase 3- Divergência
15-22 anos	1	Fase 4- Seneridade
≥23 anos	2	Fase 5- Renovação do “interesse” e desencanto

2.6. Instrumentos de recolha de dados

Os instrumentos de recolha de dados aplicados na presente investigação foram os seguintes:

2.6.1. Entrevista semiestruturada. O método de recolha de informação foi a entrevista semiestruturada, ou semidiretiva ou semidirigida, pois não é inteiramente aberta, nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas, tendo perguntas-guias, que são relativamente abertas, deixando assim o entrevistado falar abertamente, tendo o entrevistador a responsabilidade de reencaminhar para os objetivos da entrevista. (Quivy & Campenhoudt, 1998, pp.192-193)

Para realizar uma entrevista devem ter-se ciente alguns aspetos:

- Fazer o mínimo de perguntas possível;
- Intervir de forma mais aberta possível;
- Abster-se de se implicar a si mesmo no conteúdo;

- Procurar que a entrevista se desenrole num ambiente e num contexto adequados;
- Gravar as entrevistas. (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 77)

Para além destas diretrizes, os autores recomendam ainda: empregar o mínimo de intervenções para reconduzir a entrevista aos seus objetivos, que o entrevistador deve recuperar a sua dinâmica ou incitar o entrevistado a aprofundar certos assuntos importantes; que não deve temer os silêncios, pois estes podem revelar que o entrevistado está a refletir mais demoradamente sobre os seus pensamentos e recordações, não deve tomar partidos e posições.

Posso afirmar que estes ensinamentos foram fielmente seguidos nas entrevistas que realizei, na sua preparação e no seu decorrer, deixando as entrevistadas à vontade para expressar os seus pensamentos, experiências e reflexões.

Estruturalmente, cada guião de entrevista (apêndice A) foi organizado em seis blocos, tendo o primeiro bloco (A) a intenção de legitimar a entrevista e motivar a entrevistada. O segundo bloco (B) teve como objetivo identificar a situação socioprofissional da entrevistada; o bloco (C) cumpriu os objetivos de compreender o conhecimento sobre o currículo na temática da educação sexual e perceber a importância dada à formação; o bloco (D) permitiu perceber a ação da educadora perante o tema na sua prática pedagógica; o bloco (E) possibilitou desocultar sentimentos e atitudes em relação a determinadas situações; e por fim o bloco (F), que facilitou a compreensão da comunicação das educadoras de infância com as famílias sobre o tema da educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas.

2.6.2. Análise de conteúdo. A análise de conteúdo passou pela fase de transcrição de cada uma das entrevistas, leitura das mesmas, construção de sinopses das entrevistas, para permitir analisar de forma científica os dados qualitativos adquiridos. Seguindo-se, posteriormente, a análise descritiva e a análise interpretativa

No decorrer de todo o processo de investigação, foram feitos registos num diário de campo, no qual foram anotadas as conversas informais antes e depois das entrevistas, assim como, observações do pesquisador sobre emoções, reações, gestos, expressões dos entrevistados, como são referidas por Fajer et al. (2016). Para além destes aspetos, também foram anotadas algumas ideias, organização dos pensamentos, bem como planeamento do trabalho.

2.6.3. Pesquisa bibliográfica. Foi também realizada pesquisa bibliográfica, que foi determinante para definir e enquadrar o referencial teórico para a investigação em questão, obtida em livros adquiridos pessoalmente, anteriormente ou durante a investigação, numa biblioteca municipal próxima da área de residência e em documentos disponíveis em sites da internet, podendo ser considerado a webliografia do trabalho.

2.7. Procedimentos de recolha de dados

A partir da definição do título e dos objetivos da investigação, foram contactadas as educadoras de infância da IPSS selecionada. Devido aos constrangimentos provocados pela atual pandemia, tanto a nível (de atraso) nos prazos, como nos contatos com diferentes profissionais, o estudo ficou limitado a seis entrevistas.

Após o consentimento da Comissão de Ética da Universidade do Algarve (Anexo 4) foi possível solicitar o consentimento autorizado da direção da instituição (Anexo 5) e de cada uma das entrevistadas (Anexos 6-11), avançando-se assim, com a marcação e realização das entrevistas.

Todo o trabalho preliminar está orientado para a escrita do nosso relatório, da nossa dissertação ou da nossa tese. Se já escolhemos os títulos dos capítulos, começamos a ter um pequeno mapa, que se há-de desenvolver à medida que o trabalho vai prosseguindo. (Bell, 2010, p.73)

2.8. Procedimentos éticos

Esta investigação cumpre todos os requisitos exigidos pela Comissão de Ética da Ualg no que concerne ao conteúdo das entrevistas, aos consentimentos informados de privacidade e tratamento de dados dos participantes diretos e indiretos, ao compromisso de respeito de todas as normas referentes à pandemia de Covid-19, e ao consentimento de conformidade do estudo em questão.

A investigação cumpre assim, o código de Ética da Universidade do Algarve, de acordo com o despacho nº 2131/2020.

Em concordância com os procedimentos éticos da investigação, todas as ações têm confidencialidade e o consentimento de todos os participantes, bem como da instituição à qual pertencem as educadoras entrevistadas, pelo que todos os intervenientes assinaram uma autorização para o efeito.

Todo o processo deve ser anónimo, preservando assim a identidade de todos os intervenientes diretos ou indiretos, podendo os participantes desistir a qualquer momento.

Os dados recolhidos e analisados, bem como publicados, devem respeitar todos os participantes, correspondendo a factos e não a especulações.

Capítulo III- Apresentação e discussão dos resultados

3. Análise das categorias

Neste capítulo serão apresentados e discutidos todos os dados recolhidos através das seis entrevistas realizadas aos profissionais de educação de infância.

Os resultados apresentados terão em consideração as seguintes categorias: conhecimento sobre o currículo da temática da educação sexual e formação; prática pedagógica; isolamento social atual devido à pandemia; atitudes e sentimentos perante determinadas situações e comunicação com as famílias.

3.1. Conhecimento sobre o currículo da temática da educação sexual e formação

Neste bloco da entrevista pretende-se perceber se as educadoras entrevistadas têm conhecimento das orientações sobre Educação Sexual, se têm formação nesta área e em caso afirmativo, de que tipo.

Em relação à legislação sobre educação sexual, nenhuma educadora de infância entrevistada manifestou conhecimento sobre a legislação existente acerca da educação sexual no pré-escolar.

No entanto, é de referir que a nível de orientações, as OCEPE não especificam nada sobre a educação sexual, sendo que as únicas diretrizes existentes em relação a esta temática para o Pré-escolar constam no PES, nos objetivos verificados em Forreta (2002) e na APF, e nas *Orientações técnicas internacionais e educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências* (UNESCO, 2019), que são do desconhecimento destas educadoras.

Todas as educadoras consideraram ser importante a formação sobre a educação sexual, revelando como adquiriram o seu conhecimento sobre a temática.

Demonstraram que têm pouca formação nesta área, pois apenas três educadoras obtiveram na sua formação profissional, “há cerca de 20 anos” (EI1), “Estamos a falar de há 15 anos” (EI4) e “há 12 anos” (EI6) ou através de um trabalho realizado há 15 anos (EI4).

Quanto às formações a que assistiram, 83.3% (N=5) foram a palestras, seminários, colóquios, sendo que estas ações foram no máximo de três horas, referido por EI4 e 3h30m por EI5.

A EI1 anunciou: “*muitas vezes vamos a formações, e podem ser variadíssimas em muitas áreas, e a educação sexual é uma das áreas que nunca é muito abordada*”.

Também esta educadora (EI1) considerou que “*em termos de formação, ou porque eu não tenho conhecimento da existência dessas formações, ou porque não existem assim tantas como tudo isso.*”

Constata-se assim, que maioritariamente, a formação profissional destas educadoras não contemplava o tema da Educação Sexual e que apenas têm assistido esporadicamente a formações de curta duração em que abordam este tema.

Nos outros níveis de ensino, a formação em Educação Sexual é da responsabilidade do Ministério da Educação, principalmente dos professores coordenadores, como se pode constatar no despacho 196-A/2010.

Sampaio (2002) reforça a ideia: “um dos aspetos que se põe com mais acuidade é a necessidade de formação para a abordagem da dimensão afetivo-sexual (p.29).

O impacto desta falta de formação por parte das educadoras de infância é notado pela EI2, que proferiu: “*Se calhar por falta de formação e de não saber como agir.*”. Esta realidade também foi também apresentada por Monteiro et al. (2010):

Esta falta de (in)formação poderá, por sua vez, dar origem a uma desactualização de conhecimentos, o que faz com se seja natural os educadores sentirem alguma hesitação face às atitudes e práticas que devem adoptar perante possíveis reacções das crianças e das próprias famílias. (p.109)

A formação em Educação Sexual é bastante relevante na prática pedagógica de um educador de infância, tal como defendem Carvalho e Peixoto (2000):

As linhas de força da formação de professores têm de ser procuradas no terreno onde decorre a prática, onde emergem os problemas, investindo num professor reflexivo e não só técnico, num professor que se torne capaz de dirigir a sua reflexão para os reais problemas das pessoas concretas, numa procura da resposta adequada a cada caso, numa personalização da intervenção, perspectivada num contexto ecossistémico tomando a criança como única e inteira. (p.164)

3.2. Prática pedagógica

Neste bloco tentou-se conhecer as práticas das educadoras de infância em relação ao tema da educação sexual no pré-escolar, nomeadamente com crianças com necessidades educativas específicas. Como tal, as profissionais entrevistadas foram inquiridas sobre a importância de abordar a educação sexual, os temas ou temáticas a integrarem num projeto; se abordam a educação sexual e de que forma; sobre a sua postura que apresentam com crianças com Necessidades Educativas Específicas bem como instigadas a refletirem sobre questões conceituais.

Todas as educadoras de infância entrevistadas consideram importante a abordagem do tema da Educação Sexual na educação pré-escolar, no entanto, a EI2 refere que aborda apenas *“se for ao encontro do que as crianças querem, se surge a questão, a temática”*. Por estas palavras, demonstra que a sua prática é orientada pelos interesses das crianças, mas que não existe uma intencionalidade educativa em explorar esta temática.

Em relação aos temas a incluir num projeto de educação sexual, a partir da educação pré-escolar, a grande maioria, (N=5) das profissionais de educação entrevistadas referem o tema da diferenciação entre o sexo masculino e o sexo feminino, tal como refere também a EI1: *“Diferenças entre homem e mulher, menino e menina. E depois é em função dos interesses e aprofundar mais ou menos”*. O tema da proteção em termos sexuais surge 33.3% (N=2), tal como os cuidados de higiene. A EI4 refere: *“Há uma linha que separa aquilo que é o cuidado, os cuidados básicos de higiene e depois dali deixa de ser, e passa a ser outra coisa.”*

Nesta afirmação, é possível constatar a importância dada à diferenciação de um toque relacionado com cuidados de higiene e de abuso sexual.

Esta preocupação está patente na afirmação de Rio (2010) “Só há duas razões para que as outras pessoas possam tocar nos genitais de uma criança: higiene ou saúde. Seja bem claro sobre quem pode limpar e cuidar dela” (p.75).

Também foram referidos como temas importantes a incluir num programa de educação sexual na educação pré-escolar, por uma das entrevistadas: concepção e nascimento e conhecimento do corpo.

Quando questionadas sobre a abordagem das temáticas sugeridas, (N= 3) das participantes refere abordar os temas; (N=1) menciona não o fazer; e (N=2), alude tratar as temáticas de forma indireta.

Verifica-se então que apenas metade destas educadoras demonstram ter a intencionalidade educativa de explorar este tema, apesar de (N=2) mostrarem-se atentas e admitirem explorar indiretamente.

Concluí-se que apenas metade das participantes põe em prática a educação sexual formal e que apenas duas assumem o papel de informal. Não obstante, Marques (2002) refere que “Estas duas formas de Educação Sexual (formal e informal) são, quanto à sua natureza, facilmente distinguíveis, mas não é viável separá-las quando nos focalizamos na segunda.” (p.14)

Em relação às estratégias utilizadas na abordagem dos temas, constatou-se que todas as educadoras que referiram abordar as temáticas enunciadas (N=5), aludiram as conversas informais ou formais com o grupo, como a principal estratégia usada, ou seja, em conversas que tenham com intenção educativa ou em situações que surjam no quotidiano.

Para além desta estratégia, foram referidas outras, tais como:

- Valorizar o interesse e motivação das crianças;
- Imagens;
- Estudo do corpo humano;
- Sistemas do corpo (urinário e reprodutor);
- Envolvimento com as famílias (com livros e fotografias);
- Livros/ histórias;
- Jogos;
- Visitas de estudo a centro de saúde ou hospital;
- Cartazes;
- Visita de profissionais de saúde à sala de pré-escolar;
- Visita de pais à sala.

- A construção do cantinho do médico, que permite a exploração da sexualidade;
- Realização de vários projetos.

A estratégia anunciada por três educadoras, foi aproveitar o interesse e motivação do grupo de crianças, tal como refere a EI3 “Quando há interesse, o assunto tem de ser abordado”.

Esta atitude do educador é corroborada por (Silva et al., 2016):

A capacidade de o/a educador/a escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada uma e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada uma fale, e a fomentar o diálogo, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar.” (p.61)

A estratégia de recurso a imagens, é indicada por duas das educadoras (EI1 e EI6). Quanto às sugestões do estudo do corpo humano e da abordagem aos sistemas do corpo, tal como o urinário e reprodutor, foram apontadas apenas pela EI3 “Às vezes, partindo do estudo do corpo humano. (. . .) Abordamos esses sistemas, até construímos um boneco...”. As restantes estratégias foram anunciadas pela entrevistada EI1, nomeadamente os livros e as histórias. No entanto, Rio (2010) adverte para um aspeto: “os livros são um excelente recurso, servem de ajuda, mas não resolvem tudo: podem facilitar o entendimento das suas explicações, mas é preciso paciência e carinho para reforçar com comentários o que se considera necessário em cada etapa” (p.55).

Esta advertência, realça a importância de explorar os assuntos de forma natural e clarificadora, para que não surjam dúvidas e confusões fruto de uma interpretação errada da informação exposta.

Quanto aos exemplos de estratégias que foram referidas por apenas uma educadora, foram curiosamente, referidas pelas duas educadoras mais velhas e com mais anos de experiência. Poder-se-á aferir que o factor experiência, marca a diferença na concretização de projetos de educação sexual.

O estudo de Monteiro et al. (2010) instiga: “47,7% das inquiridas consideram não existir indicações precisas sobre a selecção de actividades específicas da educação para a sexualidade a abordar no jardim-de-infância.” (p.108), o que está relacionado com um dos entraves sentidos para a exploração da educação sexual.

Em relação à questão da importância de abordarem este tema com crianças com Necessidades Educativas Específicas, as respostas apresentadas foram: “*Tão importante*” (N=3); “*Mais importante*”(N=3), completando ainda uma das educadoras (EI5) “*mais desafiante*”.

As educadoras que consideraram mais importante, argumentaram da seguinte forma: “*Como têm mais necessidades, tem de se trabalhar mais*” (EI3); “*Por causa das limitações das crianças, porque a percepção dessas crianças, pode não ser tão clara, porque os conceitos de uma criança com todas as suas capacidades mentais, cognitivas que tem, pode ser mais difícil. E daí ser mais importante trabalharmos nesse sentido*” (EI5); e a EI6 referiu “*Tentar abordar o tema de forma a se controlarem um pouco e para terem cuidado com os predadores sexuais*”.

De facto, as crianças com deficiência são mais susceptíveis de sofrerem de abusos sexuais, manifestam algumas fragilidades que podem facilitar a ação dos abusadores, pois “o abuso produz-se numa situação desequilibrada de poder. O forte impõe-se ao fraco.” (Rio, 2010, p.74)

Quando questionadas sobre o tipo de curiosidades manifestadas pelas crianças com NEE, as educadoras destacaram dois exemplos de temas: a descoberta do próprio corpo, referido por (N=2) e as diferenças entre meninos e meninas, enunciado por (N=5). Tal realidade é defendida por Rio (2010):

A origem da vida, a sua própria origem e das outras crianças são as inquietudes que surgem a seguir à sua curiosidade pela anatomia humana. O que impele a perguntar pelas suas origens, a curiosidade ou a pulsão por saber se está relacionada com as indagações mais fundamentais do ser humano (p.54).

É importante os educadores darem respostas às curiosidades das crianças, pois:

Ao colocarem questões sobre a temática da sexualidade, as crianças esperam obter respostas que satisfaçam as suas necessidades. Na realidade, quando não se responde às crianças, elas acabam por formular as suas próprias conclusões, que nem sempre são as mais adequadas nem as que mais facilitam o seu desenvolvimento afectivo e

sexual. É por tudo isto que se torna necessário abordar este tema desde muito cedo.
(Monteiro et al., 2010, p.110)

Destacam-se, segundo estas profissionais, como brincadeiras sexuais saudáveis manifestadas pelas crianças: o jogo simbólico e a estimulação, referidas igualmente por (N=3). Estas brincadeiras são descritas também no livro “Educação Sexual dos 0 aos 6 anos: quando e como abordar”:

A maioria das crianças brinca aos médicos, às mães e aos pais, etc., o que responde a um afã de se conhecerem e representa um meio de se explorarem; recorrerem a estes jogos para observar o que não lhe é permitido na vida quotidiana. (. . .) Os jogos sexuais entre pequenos da mesma idade, se participam voluntariamente, são, em geral saudáveis, e têm bom prognóstico para a saúde sexual posterior. (Rio, 2010, pp.72-73)

Outras manifestações sexuais referidas, que crianças com NEE apresentam mais frequentemente são: o uso de vestuário e acessórios da arca das trapalhadas e a utilização de jogos temáticos disponíveis na sala, referidas por (EI1), bem como “o *toque no outro*” apontado por EI5.

Todas as educadoras entrevistadas consideraram importante ensinar o que é certo e errado, por exemplo em relação ao contexto público e privado.

As educadoras explicaram: “*Devemos encaminhá-los para fazer determinadas coisas mais em privado e outras que serão melhor aceitas em público*” (EI1); “*Ensinamos a todas as crianças, independentemente das suas limitações, o que podem fazer individualmente e com os outros. Até onde podem ir, de uma forma saudável, com uma linguagem simples, clara e objetiva para que possam compreender.*” (EI5)

Estas atitudes são defendidas por Rio (2010) “No caso do toque entre meninos e meninas, devem saber que não devem exhibir ou brincar com os seus genitais em público (. . .) Explique-lhe o que pertence e o que não pertence à intimidade.” (p.72)

Quando questionadas sobre a terminologia utilizada para nomear os órgãos genitais, as educadoras de infância admitiram maioritariamente (N=5) que a atitude correta seria utilizar os termos certos, mas todas assumem que não o fazem no dia a dia.

Cerca de metade, reconhece que tenta omitir o nome do órgão genital, contornando a conversa ou a instrução: “Dou *por mim a contornar as palavras*” (EI5); “*Digo – limpa-te bem.*” (EI3), “*Consegues limpar-te? Queres ajuda?*” (EI5), “*Limpa-te melhor, sem nomear*” (EI1),

Estas profissionais de educação exemplificam como se costumam referir ao órgão genital masculino, sendo maioritariamente “pilhina” (N=5) e as várias denominações para os órgãos genitais femininos, admitindo, uma educadora que para as meninas existem muitas denominações: “*As meninas é que mais complicado*” (EI2).

As participantes deram exemplos de como nomeiam os órgãos femininos: “*Lolinha*” (EI4), “*Pipi*” (EI3 e EI5) e “*Loló*” (EI6), pois tal como referiu EI1: “*Mas é tendência nossa chamar alguns diminutivos, alguns nomes alternativos*”.

No entanto, quando se trata de explorar o tema da Educação Sexual, e nomeadamente o corpo humano, (N=3) das educadoras diz apropriar-se dos nomes corretos.

Também referem que como os pais utilizam outras denominações para se referirem aos órgãos genitais, não mostram muita abertura à utilização dos termos corretos (N=3).

Neste sentido, Rio (2010) alerta:

A linguagem com que pais e filhos se sentem confortáveis e que é socialmente aceitável por amigos e vizinhos deverá ser acolhida pelo docente. Mas que deve ficar claro que para o órgão genital do menino se utiliza «pénis» e para o da menina se utiliza «vulva». Assim todos poderão entender o que o educador pretende ensinar na sala. (Rio, 2010, p.52)

Esta questão de usar os nomes corretos, dos órgãos genitais, revelou que ainda há alguma relutância em usar os termos certos, devido a insegurança, talvez vergonha ou estilo de educação: “*A Vânia já referiu isso, dar o nome certo das coisas às coisas. Eu sei que não devia ser assim, esta barreira, mas pode ser que com a experiência, vá para esta designação.*” (EI5); tal com a EI3 questionou-se: “*Não compreendo, não gosto de dizer xixa, digo carne (. . .) E com estes termos, parecem mais pesados.*”

Rio (2021) defende que mesmo que seja exigente, deve-se ensinar às crianças o uso dos nomes corretos, como estímulo para que estas, os pais e os docentes possam “falar com naturalidade dos temas relacionados com a sexualidade. Apenas com a prática, com a segurança de que esta opção é a mais adequada, permitirá conseguir o seu uso (p.52).

Quando questionadas sobre a importância de criar a noção entre o toque bom e o toque mau, tal como a relevância dos segredos, e sobre as estratégias utilizadas em vários programas de prevenção da violência sexual, verificou-se que todas as educadoras entrevistadas consideraram importante esta abordagem, contudo uma destas admite nunca ter abordado (EI3).

A noção de intimidade, surge como uma estratégia de prevenção de violência sexual, referida por (N=5) das educadoras. Metade das educadoras evidencia a importância de criar diferença entre o toque de carinho e de higiene por parte dos pais e cuidadores e o toque de abuso sexual.

Estas noções, são sustentadas por Rio (2010):

Devemos explicar às crianças que há segredos bons e segredos maus, e que os toques são segredos maus que não se devem guardar” (p.76), bem como “ensinar a dizer «não» com firmeza perante situações em que a criança não se sente bem; distinguir entre suborno e presente (p.86).

Também se deve destacar que duas educadoras referiram a importância de alertar para caso a criança se sinta desconfortável com uma abordagem ou toque, a qual deve denunciar a uma pessoa de confiança.”*Para que tenham a noção de que nem tudo é lícito de acontecer e que deverão até dizer a familiares mais próximos. . .*” (EI1)

O abuso produz-se numa situação desequilibrada de poder. (. . .) No caso da deficiência mental este desequilíbrio é evidente e pode ser aproveitado por pessoas indesejáveis. (. . .) Os agressores podem ser desconhecidos, mas também próximos e familiares. É precisamente essa confiança que existe entre parentes que faz com que seja mais fácil aproveitar a oportunidade para tocar inadequadamente as crianças e pedir-lhes que lhes toquem ou observem. (Rio, 2010, p.74)

O planeamento e a execução da abordagem da educação sexual deve constar nos princípios da instituição ou agrupamento, deste modo: “é necessário que na instituição

escolar, jardim-escola, escola ou agrupamento, se tome a decisão de incluir a dimensão da escola sexual a nível curricular, quer seja através das áreas disciplinares, quer seja das áreas ou momentos não disciplinares.” (Marques et al., 2002, p.26), sendo que de acordo com o artigo 6.º, da Lei nº60/2009, “A educação sexual é objecto de inclusão obrigatória nos projectos educativos dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, nos moldes definidos pelo respectivo conselho geral, ouvidas as associações de estudantes, as associações de pais e os professores” (p.5097).

Atendendo estas orientações, faz todo o sentido a reflexão/sugestão da EI6: *“Devia de haver uma AEC, um projeto ou, como temos a música e a educação física, devia de haver essa preocupação, é um tema que fica um pouco esquecido, e fazia falta.”*

3.3. Isolamento social atual devido à pandemia

Estando o mundo a atravessar um período atípico em que a pandemia devido ao vírus SARS-Cov 2, tem gerado tantos constrangimentos e alterado a rotina de todos fez sentido questionar sobre possíveis repercussões na vida das crianças com Necessidades Educativas Específicas, ao nível da expressão da sexualidade.

Na opinião das educadoras de infância sobre o possível impacto do isolamento social atual na expressão sexual das crianças com NEE, pode-se constatar que nenhuma educadora de infância tem conhecimento de implicações diretas do isolamento e do confinamento imposto pela atual pandemia, devido ao Covid-19. Não obstante, ponderam maioritariamente, (N=5), essa possibilidade; tendo feito um esforço para refletir sobre o assunto e analisar as várias condicionantes. Deste modo, consideraram as variáveis do apoio familiar (N=2), a tendência para se autoestimularem 33.3% (N=2), a falta de vigilância por parte da escola (N=2), e da dificuldade de se autocontrolarem, quando regressarem à sociedade, como fatores potencialmente influenciadores.

Tal como advertiu a EI6, *“É o que temos visto nas notícias, que as agressões de violência doméstica e a parte da sexualidade, dos predadores sexuais, que cada vez está a aumentar mais.”*, tema corroborado pelo Centro Regional de Informação das Nações Unidas (UNRIC), no artigo - *ONU: prioridade no combate ao abuso sexual*. “Em 2020, a pandemia teve um duplo impacto na realidade do abuso sexual e da exploração: por um lado, veio agravar a situação de vulnerabilidade das vítimas, por outro, veio dificultar a investigação de denúncias e o préstimo de assistência” (2021, para.4).

A UNICEF emitiu uma brochura com o título “*Orientação para a prevenção e o controle da Covid-19 nas escolas. Conteúdo suplementar: Proteção das crianças e adolescentes dentro e fora da escola no contexto da pandemia por COVID-19*”, em que salienta que durante o confinamento, que obrigou ao encerramento das escolas, é de grande importância criar estratégias alternativas de alerta ao risco de abuso infantil ou violência doméstica.

A violência que as notícias reportam e que as organizações alertam, tanto são de carácter físico, como psicológico, tendo bastante influência da internet. De acordo com Rio (2010) “Os abusos sexuais sobre crianças raramente incluem violência física, pelo contrário, dependem da exploração da inocência e da sua dependência dos adultos.” (p.74)

3.4- Atitudes e sentimentos perante a educação sexual

Neste bloco da entrevista pretende-se averiguar que tipo de constrangimentos as educadoras de infância sentem ao abordar a educação sexual, se sentem-se confiantes na sua abordagem, que situações já vivenciaram, como reagem em determinadas situações e como é a sua postura com crianças com Necessidades Educativas Específicas.

A amostra de educadoras de infância apresentou razões/ constrangimentos variados na abordagem deste tema. Caracterizaram-no, maioritariamente como um tema sensível, difícil, tabu e pudico (N=4).

Consideram que o olhar dos pais poderá ser um entrave, por má interpretação (N=3) e (N=2), encaram a abordagem com as crianças com mais facilidade.

Uma das educadoras mais nova, desabafa que “*Vou desbloqueando com a experiência.*”

Mas o testemunho de uma das educadoras mais experiente, relata que tem a percepção de que os pais mais novos estão mais conscientes da importância do tema para as crianças, pois até já abordaram a educação sexual no currículo do ensino escolar obrigatório. Não obstante, reconhece que os pais ficam em alerta com este tema.

A educadora EI5 faz a observação de que “*Nunca vi nenhum trabalho sobre a sexualidade, neste sentido (. . .) Mas também nunca tivemos a proibição de falar de certos e determinados assuntos. Nunca nos disseram que não podíamos abordar, mas se também abordássemos, poderiam dizer que não fosse abordado.*” Referia-se à própria instituição.

Estes relatos revelam alguns constrangimentos comuns em relação à abordagem da Educação Sexual na Educação Pré-Escolar.

Quando questionadas sobre quão confiantes se sentiam na abordagem destes temas as respostas foram diversas: a EI6 desabafou “*Nada confiante*”; a EI5 “*Agora sinto-me mais confiante*”; a EI1 declarou “*Não tenho relutâncias em abordar (. . .) não é daquelas questões que me deixem mais à vontade*”; EI2 “*Se surgir o tema, estou à vontade*”; EI4 “*Se for para alertar, sim.(. . .) Mas para dizer os nomes corretos [não]*”; EI 3 “*Não é uma coisa que se fale à vontade, porque não é falada de uma forma natural, como outros temas.*”; EI1 “*É um tema a tratar, desde os 3 anos, aos 4, aos 5. Não temos de estar à espera de uma faixa etária ideal, vamos é aprofundando os temas em função do que é a idade deles e o conhecimento deles.*”; “*Gostava de ter mais materiais*” (EI1).

Constatou-se que existe uma relação de maior confiança e à-vontade, com a experiência profissional.

Os dados destas entrevistas estão em concordância com o estudo Monteiro et al. (2010):

Em relação às principais dificuldades sentidas na implementação de estratégias no âmbito da educação para a sexualidade, a aceitação por parte da família, a falta de informação e material relativamente ao tema e as dificuldades na utilização da linguagem própria, tendo em conta a idade das crianças, foram as dificuldades mais referidas pelos inquiridos. (p.117)

Estas profissionais de educação recordaram algumas situações por elas vividas, na sua prática, relacionadas com a sexualidade:

- “*Uma menina que desde muito pequena, em idade de creche até ir para a escola, se estimulava*” (EI2);
- “*Um menino, que durante 3 anos, estimulava-se durante as duas horas de descanso, no colchão*” (EI3);
- “*De dizer para os meninos vão para um lado, e as meninas para o outro e há o que fica no meio*” (EI 4);
- “*Situação em que o menino foi à casa de banho e ficou sentado no chão, a estimular-se*” (EI5);

- *“Uma menina que já se estava a magoar, ao estimular-se”* (EI5);
- *“Os rapazes têm uma ereção espontânea e tocam. Têm curiosidade e dizem: “Está grande!” ou “Está a doer”* (EI5);
- *“Reproduzem sons que ouvem em casa”* (EI6);
- *“Uma menina que tocava no órgão genital do pai, quando este estava a dormir, sem cuecas, e contava que crescia”* (EI6)”

Rio (2010) menciona, relativamente a este tema: “No caso das crianças com deficiência mental, as explorações, tal como nas crianças sem deficiência, têm apenas um significado de contato, prazer e descoberta” (p.72).

Quando questionadas sobre a sua atitude quando vêm uma criança a estimular-se, confessaram todas que tentavam não interferir, no entanto se fosse uma situação com alguma frequência, chamariam a criança à atenção (N=4).

A EI3 mencionou que no caso de uma criança que se auto estimulava frequentemente no momento do descanso, que colocava o seu colchão numa área mais isolada da sala.

A EI5, partilhou que numa experiência que teve dizia à criança” *Temos de dormir, tira os braços para cima, sentava-me ao lado dela”*; enquanto que a EI4 referiu *“Se começarem a emitir algum som, dou um toquinho no ombro e a criança pára e entende. Depois mais tarde, sou capaz de dizer que na sala não, em casa ou na casa de banho, quando tu estiveres no quarto sozinho.”*

Em relação às atitudes de um educador perante este tipo de situações, Rio (2010), adverte:

Quando estão sozinhas podem refugiar-se nos toques como também se refugiam no balançar-se; não se pode ignorar esta situação, nem dramatizá-la. Mais do que centrar a nossa atenção em como se tocam, devem procurar-se alternativas que distraiam se mostrar atitudes de incómodo. Não se descarta, contudo, o toque como exploração dos órgãos genitais, como toca também outra parte do corpo. O leque de possibilidades é grande e todas indicam uma evolução normal. É importante que se distinga entre os jogos passageiros e a prática obsessiva. (pp.59-60)

Outra questão levantada foi: *“ as crianças com NEE, nas que tenho conhecimento, ou nas que tenho trabalhado ou nalgumas, parecem ter algum interesse especial por estas*

partes, de descobrirem o corpo, de se descobrirem a eles próprios, de se tocarem e dá-me a sensação que para eles é uma área de bastante interesse.” (EI1)

Existe uma pretensão de que as crianças com necessidades educativas específicas tendem a explorar mais os seus órgãos genitais, no entanto, Rio (2010) refere que “as crianças com deficiência mental descobrem que tocar os seus genitais lhes dá prazer e, como nas crianças sem deficiência, não tem outro sentido que o desfrutar do seu corpo.” (p.72)

As educadoras de infância revelaram como reagem quando uma criança mostra estereótipos em relação ao sexo oposto:

- *“Essa parte já não devia existir.”* (EI1);
- *“Temos que tentar fazer com que aceitem todos como iguais dentro das suas diferenças. Temos de nos aceitar todos uns aos outros. Somos todos iguais e todos diferentes. Temos de respeitar independentemente da orientação sexual de cada um.”* (EI1);
- Explicar que não há elementos específicos de cada sexo: cores, brinquedos, brincadeiras ou áreas da sala (EI2, EI3, EI6);
- *“O rosa não é das meninas e o azul não é dos meninos.”* (EI3);
- Colegas auxiliares ainda induzem a cor rosa às meninas e o azul aos meninos (EI5);
- *“Porque se realmente essas crianças pensarem em mudar de sexo ou gostarem de pessoas do mesmo sexo, de serem homossexuais (. . .)tem que se respeitar e se calhar começa na base”*(EI6);

Estas atitudes e estes comentários das educadoras vão ao encontro do que Rio (2010) refere:

Os jogos e atividades não têm nada a ver com futura orientação sexual: um menino que brinca com as bonecas ou uma menina que joga à bola não estão desenvolver uma futura homossexualidade, nem tão pouco são indicadores de heterossexualidade que o rapaz corresponda ao papel estereótipo masculino ou a menina mostre comportamentos de acordo com o papel feminino. Está relacionado, sim, como desenvolvimento de habilidades sociais que se adquirem ao praticá-las. (p.58)

No entanto, existem algumas explicações importantes:

Convém explicar-lhes em reiteradas ocasiões que há multitude de formas de ser menina ou menino e não apenas uma; que o sexo é algo que lhes é atribuído e que é para sempre (excepto nos casos de transexualidade); que um sexo não tem mais valor do que outro; que a diferença sexual não é motivo de inquietude e muito menos de discriminação. (Rio, 2010, p.71)

Souza (2008) enaltece a relevância dos ambientes em que as crianças vivem, para a construção dos conceitos de género:

É importante mencionar que as representações de género são organizadas no processo interno das práticas diárias, sucedendo-se por meio do agrupamento das estruturas do mundo social do qual as crianças participam. No decorrer de suas vivências, meninos e meninas associam esquemas classificatórios que compõem o processo de construção de suas representações. (p.154)

As educadoras de infância, quando questionadas sobre a sua postura ou atuação perante uma criança com NEE, na perspectiva de que consideravam igual ou diferente do que perante outras crianças, sendo mais permissivas ou mais exigentes, deram diferentes respostas.

Duas educadoras consideraram-se mais permissivas, outras duas responderam mais exigentes *“para que consiga alcançar determinadas capacidades”* (EI5), uma respondeu *“diferente”* (EI4) e uma outra referiu *“o objetivo tem de ser o mesmo, a forma de abordagem tem de ser diferente.”* (EI6)

A EI1 ainda explicou: *“Há momentos que temos de ser condescendentes, enquanto que noutros, normalmente temos de ser exigentes, e temos de ir aos poucos modelando a criança, no sentido de acompanhar o grupo, pois temos de o preparar para o ensino estruturado, onde eles também têm de saber estar em grupo”*, concluindo com a frase: *“Tem de haver um equilíbrio entre a condescendência e a exigência.”*

Rio (2010) adverte para a diferenciação pedagógica:

Se se trata de crianças com deficiência mental, terá de fazer um esforço de adaptação nos aspetos da educação sexual que requerem explicações concretas, isto é, naqueles que a inteligência tem um maior peso. Aliás, não devem considerar-se diferentes as dificuldades que as pessoas com deficiência têm na aprendizagem e compreensão de outros aspetos.

Recomenda-se que as soluções propostas sejam sempre individualizadas para cada criança e para cada forma de manifestação, já que cada criança tem a sua maneira de expressar as suas tendências sexuais e afetivas. (p.70)

Todas as educadoras consideram que a sua própria prática religiosa não interfere na abordagem da educação sexual, bem como afirmaram categoricamente que as suas tendências políticas não influenciam a abordagem ao tema.

Contrariamente, o estudo de Cruz (n.d.) revela que os professores com valores religiosos muito marcados, influenciam a sua representação social na educação para a sexualidade.

3.5- Comunicação com as famílias

No bloco em que se interpela sobre a comunicação com as famílias de crianças com Necessidades Educativas Específicas, pretende-se compreender como é a comunicação das educadoras de infância com as famílias sobre a Educação Sexual, o que estas lhes transmitem a nível de preocupações, postura e influências.

Em relação à questão de como funciona a comunicação com os pais, no geral, sobre este tema, (N=3) das educadoras declararam que nunca abordaram; (N=2) recordaram que só em situações pontuais. A EI3 recordou *“Só com o pai de um menino, uma conversa, pois ele em casa também fazia [autoestimulava-se]”*

Noutra perspetiva, a EI1 respondeu: *“É uma abordagem como qualquer outro tema. Se eventualmente falarmos deste tema, falamos, como falamos da agricultura biológica,”*, acrescentando: *“Faz parte de uma aprendizagem que é importante e devemos tratá-la com*

essa importância e dar-lhe todo o valor. A reação dos pais é que poderá ser diferente. Mas penso que não. Até aderem bem a essas temáticas também e até acham interessante os meninos aprenderem.”

A comunicação com as famílias sobre a educação sexual, à exceção da demonstrada pela EI1, também pareceu insuficiente, talvez porque não exista ainda a consciência da sua importância, visto que:

Os pais e educadores temem exceder-se a dar informação, pensando que o excesso vai estimular as crianças, despertando impulsos sexuais latentes; esta atitude é o primeiro de muitos obstáculos que se opõem a uma educação sexual eficaz. Os impulsos sexuais começarão quando entrarem na puberdade e no seu corpo se inicie a presença das hormonas sexuais. É para quando isto suceder que deverão estar bem informadas. (Rio, 2010, p.53)

Quanto à postura que os pais de crianças com NEE apresentam face à educação sexual, duas educadoras de infância admitem não ter percepção sobre esse aspeto.

No entanto, as suas colegas apresentam as várias experiências e percepções:

- *“Até acho que os pais sejam mais desligados, não dão tanto valor, tanto significado.” (EI1);*
- *“A ideia que tenho é que os pais dessas crianças não davam importância a essas questões. Não sei se os pais consideram que por ter NEE, lhe era condescendido fazer esse tipo de toque, de exploração ou se em geral consideravam que era normal.” (EI1);*
- *“Talvez esperem que defendam os filhos de certos abusos, porque uma criança com NEE é mais vulnerável, à pedofilia ou outro tipo de abusos.”(EI3);*
- *“Acredito para alguns pais haja uma preocupação, principalmente nas crianças que demonstrem ter alguma tendência” (EI5);*
- *É uma temática que fica um bocadinho esquecida (. . .) fica mais suprida”(EI5);*
- *“Acredito que os pais se preocupem (...) Mas também há pais que nem querem falar sobre a sexualidade.” (EI5);*

- *“Podem ser pudicos e terem vergonha de abordar o tema, não se sintam à vontade.” (EI6);*

As profissionais entrevistadas revelaram que os pais das crianças com Necessidades Educativas Específicas manifestam preocupações com as estimulações em público, referido por (N=3) das educadoras com o futuro, referido por (N=2) e com a tendência sexual da criança, referido por uma das educadoras.

A amostra de educadoras entrevistada não pondera que a tendência política dos pais interfira na abordagem ao tema e quanto à interferência da prática religiosa dos pais na abordagem da educação sexual dos seus filhos, as educadoras de infância desconhecem situações, mas consideraram que talvez possa interferir (N=3): *“Acredito que quem leve à risca a religião, também deve levar nesse tema.” (EI2);* que não deve de interferir (N=2) e uma das educadoras afere *“Acho que sim. Principalmente os pais mais velhos. Acredito que as gerações mais novas, são mais abertas. (. . .) É como se a criança não tivesse sexualidade.” (EI5)*

Considerações finais

A elaboração do presente trabalho permitiu conhecer as percepções das educadoras de infância participantes no estudo sobre vários conceitos relacionados com a educação sexual, nomeadamente com crianças com Necessidades Educativas Específicas. As educadoras refletiram, recordaram, questionaram-se, especularam, e confessaram as suas fragilidades, pois “no processo educativo, a escuta e a comunicação transformam e fazem crescer também quem educa, isto é, ajudam a consolidar as atitudes que tornam cada pessoa mais humana” (Rio, 2010, p.55).

Foram atingidos os objetivos específicos propostos para esta investigação, pois foi possível conhecer a postura destas educadoras face a alguns temas importantes da sexualidade e constatar que esta temática ainda é pouco abordada principalmente quando se trata de abordar o tema com as crianças que apresentam Necessidades Educativas Específicas. Foi possível perceber que a comunicação com as famílias sobre este tema, ainda é muito ausente. Consideram-se positivas, no entanto, as experiências e preocupações partilhadas, o que denota interesse no tema por parte destas profissionais.

Tendo em conta a importância do tema, seria importante que as OCEPE com a importância que têm em reger a prática educativa dos educadores de infância, incluíssem a educação sexual valorizando e incentivando o trabalho junto das crianças em idade pré-escolar.

Paralelamente, há pouca divulgação do PES, sendo que as educadoras de infância nem têm conhecimento do mesmo, assim como das outras orientações referidas nesta investigação.

A falta de formação em Educação Sexual, na formação inicial do curso de educadores de infância também é uma lacuna identificada, pois a sua formação académica deveria incluir esta temática, para despertar a importância de ser abordada na prática educativa.

Em consulta ao site da UALG, a título de exemplo, pode-se apurar que no plano de estudos dos cursos de Mestrado em Educação Pré-Escolar ou Licenciatura em Educação Básica, não existe nenhuma unidade curricular que se intitule com o tema de Educação Sexual, podendo eventualmente estar inserido nos conteúdos de outra unidade. Esta situação será comum a praticamente todos os estabelecimentos de ensino de formação de educadores e professores.

Para além da lacuna na formação inicial, as educadoras entrevistadas advertiram para a pouca divulgação de formações sobre tema, cuja opinião eu partilho enquanto educadora de infância, ficando a ideia que existem poucas ações neste sentido.

Verifica-se então, uma ausência de formação em educação sexual, na formação inicial e na formação contínua. Esta constatação é corroborada pelo estudo de Monteiro et al. (2010):

A par desta percepção de ausência de formação na área da educação para a sexualidade, existiu ainda uma percentagem considerável de educadoras que nunca abordaram esta temática ou o fizeram poucas vezes, justificando este facto com o pouco tempo de serviço que apresentam ou com a idade do grupo com que se encontram no momento (contexto de creche – 0 a 3 anos). (p.116)

Constata-se que o fator da experiência profissional, verificado através do número de anos de prática, é determinante para criar mais à vontade com o tema e com as famílias. Para além de terem tido mais oportunidades de exploração e abordagem do tema, também mostram mais reflexão sobre o assunto.

A relação da escola com a família é fundamental, pois a família transmite valores e representações sociais, servindo de modelo para as crianças. Deste modo, deve haver uma boa comunicação, para que ajam em conformidade, nomeadamente em relação à educação sexual.

Apesar da discussão da introdução dos temas da educação sexual estar presente em inúmeras orientações internacionais, ainda existe um grande estigma na sua aplicabilidade em contexto educativo formal.

As principais limitações sentidas na realização deste estudo, prendem-se com o tempo. Foi difícil organizar e gerir o tempo, em quantidade e qualidade. Os tempos que vivemos atualmente com a pandemia, que altera, complica e implica em todos os aspetos, foi um factor externo que pesou na conclusão deste trabalho.

Uma das condicionantes foi de facto, as relações com as entidades, por estarem fisicamente impossibilitadas de acolher pessoas, o que limitou os contatos pessoais, reduzindo assim, o número de entrevistas a seis profissionais de educação, quando inicialmente se planeou quase o dobro.

Para futuras investigações, sugere-se, investigar a opinião das famílias de crianças com NEE, para se conhecerem os obstáculos e constrangimentos em relação à abordagem destes temas da educação sexual assim como conhecer as concepções das educadoras do Ensino Especial, nomeadamente da Educação Precoce. Seria igualmente importante conhecer as perspetivas dos diretores de agrupamentos e das instituições privadas, para enriquecer a noção generalista dos principais elementos da comunidade educativa que trabalha junto destas crianças.

Deste modo, em concordância com Monteiro et al (2010): “Sugere-se, assim, que existe uma grande urgência em estreitar cada vez mais os laços entre a escola e a família” (p.117), principalmente com as crianças com Necessidades Educativas Específicas, no intuito de prevenir o abuso sexual, garantindo-lhes um crescimento saudável e adequado. Deste modo:

Se puseram em prática os conselhos e sugestões apresentados, já se andou mais de metade do caminho. Se foi oferecida segurança à criança, se a ensinou a expressar os sentimentos, se a respeitou, se atendeu às suas curiosidades, se lhe ensinou um vocabulário adequado, ter-se-ão construído bases, o que se pode trabalhar na prevenção do abuso sexual. (Rio, 2010, p.74)

Espera-se que o tema destas entrevistas, tenha deixado sementes para que as profissionais fiquem motivadas a procurar mais informação sobre a educação sexual e a implementá-la nos seus projetos educativos pois...

Ao encorajarmos os professores a explorarem formas de desenvolver a sua prática, de modo a facilitar a aprendizagem de todos os alunos, estamos, por ventura, a convidá-los a experimentarem métodos que, no contexto da sua experiência anterior, lhes são estranhos. Consequentemente, é necessário empregar estratégias que lhe reforcem a autoconfiança e que os ajudem nas decisões arriscadas que tomaram. (Ainscow, 1995,p.16)

Não é possível terminar, sem referir que o presente estudo permitiu refletir sobre a verdadeira importância de promover a educação sexual nos contextos educativos de forma clara e natural. De facto, a sexualidade deve ser abordada numa perspectiva pedagógica desde a primeira infância, sendo desmitificados os conceitos e os tabus, pois somente deste modo é possível transmitir conhecimentos efetivos, que vão ao encontro dos desafios e da realidade dos nossos dias. Apenas ao promover uma educação de bases, justa, diferenciada, inclusiva, que respeita os princípios da igualdade e solidariedade, é possível formar cidadãos conhecedores dos seus direitos e deveres respeitadores e conscientes de si e dos outros.

Referências bibliográficas

- Ainscow, M. (1995). Educação para todos: torná-la uma realidade in Ainscow, M., Porter, G., & Wang, M. (1997). *Caminhos para escolas inclusivas Instituto de Inovação Educacional*.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação. Um guia prático e crítico*. Edições ASA.
- Alves, L. (2020). Erik Erikson: os estágios psicossociais de desenvolvimento. Ensaios e notas. <https://ensaiosnotas.com/2020/06/13/erik-erikson-os-estagios-psicossociais-do-desenvolvimento/>
- Amann, G., Monteiro, H. & Leal, P. (2015). *Programa nacional de saúde escolar*. DGS.
- Anastácio, Z. (2015) Educação para a sexualidade e para os afetos “Coisas a aprender no colo de minha mãe?” in Vilela, A. (coord). (2015). *Educação Sexual: do saber ao fazer. Um contributo para a formação de professores*. Cadernos Escola e Formação.
- APF. (2020) Educação sexual. <http://www.apf.pt/>.
- Beliz, Vânia. (2018). *Chamar as coisas pelos nomes, Como e quando falar sobre sexualidade*. Arena.
- Bell, J. (2010). *Como realizar um projecto de investigação: Trajectos*. Gradiva.
- Borges, M. (2020). Deficiência, desigualdade social e educação in Luísa, C. & Borges, M. (Coord.) (2020). *Construindo a educação inclusiva: Teoria e prática*. Papa-Letras.
- Carvalho, O., & Peixoto, L. (2000). *A escola inclusiva: Da utopia à realidade*. Edições APPACDM Distrital de Braga.
- Cordeiro, M. (2016). Prefácio in Rodi & Beliz (2016). *A viagem de Peludim. Quem sou? De onde vim? Como nasci?* Marcador.
- Correia, L. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares*. Porto Editora
- Cruz, L. (2016). *Representaciones Sociales en Educación para la sexualidad de 8 docentes del Centro Educativo Esperanza Galicia de Pereira*.
- DGE. Afetos e educação para a sexualidade. <https://dge.mec.pt/afetos-e-educacao-para-sexualidade>
- Diário da República, 1.ª série — N.º 151 — 6 de agosto de 2009, Lei nº60/2009.
- <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/search/388625/details/normal?q=educa%C3%A7%C3%A3o+f%C3%ADsica>

- Dias, A., Ramalheira, C., Marques, L., Seabra, M., & Antunes, M. (2002). *Educação da sexualidade: no dia-a-dia da prática educativa*. Edições Casa do Professor.
- Direção Geral de Educação, Referencial para educação e Saúde.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Esaude/referencial_educacao_saude_vf_junho2017.pdf
- DGS. Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância. (2020)
<https://www.dgs.pt/sistema-nacional-de-intervencao-precoce-na-infancia.aspx>
- Fajer, R., Araújo, M., & Waismann, M. (2016). *Importância do diário de campo nas pesquisas qualitativas com metodologia de história oral*. UNILASALLE.
- Forreta, F. (2002). A educação sexual na infância in Marques, A., Vilar, D., & Forreta, F. (2002). *Os afetos e a sexualidade na Educação Pré-Escolar. Um guia para educadores e formadores*. Texto Editora.
- Frade, A., Marques, A., Alverca, C., & Vilar, D. (2001). *Educação sexual na escola: Guia para professores, formadores e educadores* (5º Ed). Texto Editora.
- Gomes, F. (1992). Prefácio In Frade, A., Marques, A., Alverca, C., & Vilar, D. (2001). *Educação sexual na escola: Guia para professores, formadores e educadores* (5º Ed). Texto Editora.
- Gonçalves. (2010). *Anos de serviço: Quantidade de Educadoras de Infância Etapas da carreira*.
- GTSSR. (2019). *Masturbação, pornografia e BDSM* revisto por Professor Doutor Daniel Cardoso 2020.anem. https://aefmup.pt/wp-content/uploads/2020/12/gui%C3%A3o_inprogress-1.pdf
- Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., & Unidade de investigação, Formação e Desenvolvimento. (2019). *Guia Prático: Os Direitos das Pessoas com Deficiência em Portugal*. Simplex+.
- Ludke, M., & André, M. E. D. (1986.). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. Editora Pedagógica e Universitária.
- Marques, A., Vilar, D., & Forreta, F. (2002). *Os afetos e a sexualidade na Educação Pré-Escolar. Um guia para educadores e formadores*. Texto Editora.
- Martins, M., & Bógus, C. (2004). *Considerações sobre a metodologia qualitativa como*

recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. Faculdade de Saúde Pública. Associação Paulista de Saúde Público.
<https://www.scielo.org/article/sausoc/2004.v13n3/44-57/pt/>

Madureira, I. (2008). Avaliação pedagógica: Processos de identificação de necessidades educativas especiais In Sim-Sim, I., Leite, T., Madureira, I., Micaelo, M., Nunes, C., Baptista, & M. Silva, F. (2008) *Necessidades Educativas Especiais. Dificuldades da criança ou da escola?* Texto Editores.

Ministérios da Educação e da Saúde. Portaria nº196-A/2010.
<https://dre.pt/application/conteudo/388625>

Monteiro, N., Pereira, V., & Piscadilho, I. (2010). Educação para a sexualidade: as representações sociais das Educadoras de Infância. *Interações*. ISSN 1646-2335.

Monteiro, M., & Santos, M. (1999). *Psicologia*. Porto Editora.

Paiva, J. & Paiva, J. (2002). *Sexualidade e afetos: Para pais, professores e educadores*. Plátano Editora

Patton, M.Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. CA. Sage Publications.

Pereira, F., Crespo, A., Trindade, A., Cosme, A., Croca, F., Breia, G., Franco, G, Azevedo, H., Fonseca, H., Micaela, M., Reis, M., Saragoça, M., & Fernandes, R. (2016). *Para uma educação inclusiva: Manual de apoio à prática*. ME/DGE.

Pontes, A. & Ribeiro, J.M. (2015). *Educação Sexual em Portugal Promoção da Saúde: Conceitos e Experiências em Programas de Educação Sexual em Portugal*. Editora, LDA.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais: Trajectos*. Gradiva.

Ramos, S. (coord). (2013). *Vivência da sexualidade no deficiente mental profundo. Atitudes de pais e professores*. Psicossoma.

GTES Grupo de trabalho de educação Sexual. Relatório.
http://www.apf.pt/sites/default/files/media/2015/relatorio_final_gtes.pdf

Rio, C. (2010). *Educação sexual dos 0 aos 6 anos. Quando e como abordar*. Papa-Letras.

Rodi, S., & Beliz, V. (2016). *A viagem de Peludim. Quem sou? De onde vim? Como nasci?* Marcador.


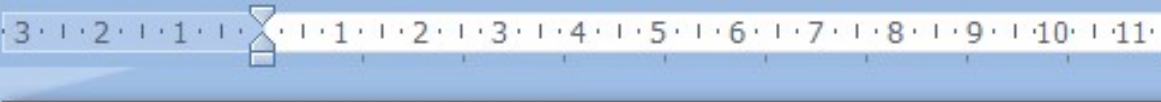
Rodrigues, F., & Souza, A. (2007). *Pedagogia: Escola Inclusiva*. Pedead.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação (DGE).

- Sim- Sim, I. (2008). Introdução in sim-Sim, I., Leite, T, Madureira, I., Micaelo, M., Nunes, C., Baptista, & M. Silva, F. (2008) *Necessidades Educativas Especiais. Dificuldades da criança ou da escola?* Texto Editores.
- Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância. (2021)SNIPI. <https://snipi.gov.pt/#no-back>
- Sousa, H. (2020). Cem razões para incluir. Sem razões para excluir. (p.58) In Luísa, C. & Borges, M. (Coord.) (2020). *Construindo a educação inclusiva: Teoria e prática.* Papa-Letras.
- Souza, F. (2008). Gênero e infância: a noção de alteridade nas representações sociais de meninos e meninas. *Educação e linguagem.*
- UALG. Despacho nº2131/2020. <https://www.ualg.pt/>
- UNESCO. Ministério da Educação e da Ciência de Espanha. (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção: na área das necessidades educativas especiais.*
- UNESCO (2019). *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências.*
- UNICEF. (2020).*Orientação para a prevenção e o controle da Covid 19 nas escolas.*
<https://www.unicef.org/lac/media/12336/file>
- UNRIC.(2021). ONU: Prioridade no combate ao abuso sexual. <https://unric.org/pt/onu-iluminar-o-flagelo-do-abuso-sexual/>
- Vargem, I. (2013). *Educação sexual na deficiência mental.* [Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia da Educação da Universidade do Algarve]. Sapiencia. <https://sapiencia.ualg.pt/handle/10400.1/3496>
- Vieira, C. (2013). *Aspetos genéticos e sociais de sexualidade em jovens com síndrome de Down.* [Dissertação para Mestrado em Ciências da Educação na Especialização em Educação Especial no Domínio Cognitivo Motor] Escola Superior de Educação João de Deus.
- Volbert, R. (2000). *Sexual Knowledge of Preschool Children,* Journal of Psychology & Human Sexuality, 12:1-2, 5-26, DOI: [10.1300/J056v12n01_02](https://doi.org/10.1300/J056v12n01_02).

Anexos

Anexo 1 – Carta de Compromisso



Comissão de Ética da Universidade do Algarve
Campus da Penha - 8005-139 Faro - Portugal
Tel: +351 289 800 100
etica@ualg.pt - www.ualg.pt

Carta de compromisso

Relativa ao estudo

Dissertação: “As perceções dos educadores de infância face à crianças com Necessidades Educativas Específicas”

Vimos por este meio assegurar que, em todas as etapas do desenvolvimento do estudo suprarreferido, se respeitam todos os pressupostos decorrentes da declaração do estado de calamidade, e legislação decorrente, bem como as orientações da Direção Geral da Saúde, emanadas no contexto da Lei n.º 19/2020.

Faro, 24 / 12 /2020

Anexo 2- Declaração de conformidade



Comissão de Ética da Universidade do Algarve
Campus da Penha - 8005-139 Faro - Portugal
Tel.: +351 289 800 100
etica@ualg.pt - www.ualg.pt

Declaração de Conformidade

Relativa ao estudo

Título

As perceções dos educadores de infância face à educação sexual com Educativas Específicas

Vimos por este meio assegurar que, em todas as etapas do do estudo suprarreferido, se respeitam os princípios e valores Éticos da Universidade do Algarve, nomeadamente a valorização do conhecimento, a qualidade da investigação científica, respeitando os valores da honestidade, autenticidade, da objetividade, do respeito pela propriedade, rigor metodológico e experimental.

Anexo3 - Termos e condições gerais de Privacidade de dados

INFORMAÇÃO DE REQUISITOS DE PRIVACIDADE DE DADOS

Termos e Condições Gerais de Privacidade de Dados

A "Escola Superior de Educação e Comunicação" (ESEC) da Universidade do Algarve, com sede em Campus da Penha, 8005 139, Faro, Portugal, telefone +351289800100, esta a realizar "entrevistas semiestruturadas" no âmbito do estudo "dissertação: As perceções dos educadores de infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas", no período "primeiro trimestre de 2021", e tem como responsável pelo estudo "Marta Sofia Mateus Custódio".

O principal objetivo do estudo é " compreender as perceções dos Educadores de Infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas. ". Esta entrevista é realizada pessoalmente com o cumprimento das normas da DGS.

Os dados pessoais previstos a tratamento no âmbito do estudo "dissertação: "As perceções dos educadores de infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas" são: idade, sexo, formação profissional e pedagógica sendo que a categoria dos titulares a recolher os dados será "seis educadores de infância com experiência profissional com crianças com Necessidades Educativas Específicas.

Todos os dados são recolhidos apenas para efeitos da "dissertação: "As perceções dos educadores de infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas ", estando garantida a confidencialidade do seu tratamento e a exclusiva utilização pela Universidade do Algarve, com um período de retenção dos dados sendo o mínimo necessário para a realização do estudo, e sendo o seu tratamento realizado nos termos e condições da Política de Proteção de Dados que se encontra acessível em www.ualg.pt.

Se necessitar de algum esclarecimento adicional em relação à participação ou ao preenchimento do questionário, é favor contactar pelos "966710531" ou pelos emails "a21666@ualg.pt".

Eu aceito os termos e as condições acima descritos. Da mesma forma, como titular de dados, aceito as condições gerais e os termos das Políticas de Proteção de Dados da Universidade do Algarve.

Assinatura _____ Data ___/___/_____

Consentimento para Tratamento de Dados

Autorizo expressamente o tratamento dos dados pessoais pela Universidade do Algarve, para efeitos de estudo realizado na investigação dissertação: "As perceções dos educadores de infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas ", de acordo com os termos de informação sobre tratamento de dados e a Política de Proteção de Dados que se encontram disponíveis em www.ualg.pt. Estou consciente de que posso retirar o consentimento ou exercer os direitos de proteção de dados, designadamente os direitos de reclamação, acesso, retificação, oposição, limitação do tratamento ou apagamento, através de contacto com o Encarregado da Proteção de Dados da Universidade do Algarve pelo correio eletrónico rgpd@ualg.pt, caso assim o considere necessário, apresentar reclamação à Comissão Nacional de Proteção de Dados, através dos contactos disponíveis em www.cnpd.pt.

Assinatura _____ Data _

Anexo 4- Parecer da comissão de ética da UALG



COMISSÃO DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Nº DO PROCESSO	
DATA DO PEDIDO ENDEREÇADO SITE CE	07/01/2021
TÍTULO/TEMA	As perceções dos educadores de infâ sexual com crianças com Necessidade
RESPONSÁVEL PELO PROJETO	Marta Sofia Mateus Custódio
	Sendo a abordagem da educação sex desenvolvimento pessoal e social de

RESUMO/OBJETIVO

Este trabalho de pesquisa tem como as percepções dos Educadores de Infância sexual com crianças com Necessidades Específicas. Tendo como objetivos es

- Conhecer a postura dos educadores
- Perceber se os educadores de infância temática;
- Perceber se os educadores têm uma postura diferente perante as crianças Necessidades Educativas Específicas;
- Conhecer algumas experiências e pr
- Compreender que tipo de comunicação educadores e as famílias sobre este t

Importa perceber a perspectiva e as atitudes perante este tema, nomeadamente como apresentam Necessidades Educativas Específicas. Será que esta temática é abordada? Será que têm mais ou menos preocupações, regras, noções, sentimentos, com as crianças? Será que reagem de forma diferente de comportamento, quando a criança reage? Qual é o tipo de comunicação que existe relativamente a este tema?

METODOLOGIA	<p>Este trabalho de investigação terá metodologia de entrevistas semi-estruturadas a educadoras que tenham trabalhado com crianças com Necessidade Especial em IPSS.</p> <p>Pretendo entrevistar cerca de seis educadoras em IPSS.</p> <p>A abordagem qualitativa refere-se a estudos de resinificações, representações psíquicas, representações simbólicas, percepções, pontos de vista, perspetivas de vida, analogias. Tem abordado, entre outros temas a adesão e não adesão a tratamentos; estigma; cuidadores profissionais e familiares; fatores da profissão / frente ao tratamento / frente às condições de trabalho (citado in Martins & Bógus, 2004).</p> <p>Para além da pesquisa bibliográfica (recolha de dados em conversas informais através de apontamentos) decorrer do processo de recolha de dados terer garantida a confidencialidade e anonimato dos intervenientes também obedecerá a uma conduta ética e de respeito pelos dados de cada participante. Irá ser solicitada a assinatura de cada entrevista aos participantes, com a explicação que os dados recolhidos são somente para fim académico.</p>
DECLARAÇÃO DE CONFORMIDADE DO GABINETE DE PROTEÇÃO DE DADOS DA UALG	Apresentou declaração.
DECLARAÇÃO DE CONFORMIDADE COM AS NORMAS DA DGS SOBRE O COVID-19	Apresentou declaração.
DECLARAÇÃO DE CONFORMIDADE COM O CÓDIGO DE ÉTICA DA UALG	Apresentou declaração.
PARECER FINAL DA COMISSÃO DE ÉTICA DA UALG	Positivo sem recomendações.

Apêndices

Apêndice A

GUIÃO DA ENTREVISTA

I – Tema

As percepções dos Educadores de Infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas.

II – Objetivo Geral

Compreender as percepções dos Educadores de Infância face à educação sexual com crianças com Necessidades Educativas Específicas.

II- Objetivos Específicos

- Conhecer a postura dos educadores face a este tema;
- Perceber se os educadores de infância abordam esta temática;
- Perceber se os educadores têm uma preocupação e uma postura diferente perante as crianças que apresentem Necessidades Educativas Específicas;
- Conhecer algumas experiências e preocupações;
- Compreender a comunicação com as famílias.

Blocos	Objetivos específicos	Formulário para questões	Observações
BLOCO A -Legitimação da entrevista. - Motivação do entrevistado	- Legitimar a entrevista - Motivar o entrevistado	Informar o entrevistado sobre: - O tema e objetivo geral da entrevista - A confidencialidade das declarações prestadas; - A garantia do anonimato da entrevista e do tratamento de dados; - Referir a importância da entrevista; - Pedir para gravar em áudio; - Informar sobre a intenção de partilhar as conclusões.	
BLOCO B -Situação socioprofissional	-Identificar a sua situação profissional	- Idade; - Habilitações; - Tempo de serviço;	
BLOCO C - Legislação sobre Educação Sexual	- Compreender o conhecimento sobre o currículo na temática da educação sexual - Perceber a importância dada à formação	-Perguntar se o educador tem conhecimento sobre a legislação acerca da Educação Sexual no pré-escolar; - Questionar se considera importante formação nessa área. - Perguntar se já teve formação na temática de educação sexual. Se sim, que tipo de formação (número de horas)	
BLOCO D Prática pedagógica	- Perceber a acção do educador perante o tema	- Considera importante abordar o tema da educação sexual no pré-escolar? - Que temas/temáticas considera importantes de constarem num projeto de educação sexual nesta faixa etária? - Aborda?	

		<ul style="list-style-type: none"> - Se sim, de que forma? - Que estratégias utiliza? - Indagar o educador se considera mais ou menos importante abordar este tema com crianças com NEE. - Quais são as maiores curiosidades manifestadas pelas crianças com NEE? - Que brincadeiras sexuais saudáveis e naturais reproduzem? - É importante ensinar o que é certo e errado, por exemplo em relação ao público e privado? - Que termos utiliza para nomear os órgãos genitais? - Considera importante criar noção entre o toque bom e o toque mau (e os segredos)? - Considera que o isolamento social atual possa ter impacto na expressão sexual das crianças com NEE? <p>Em que medida?</p>	
<p>BLOCO E</p> <p>Atitudes e sentimentos</p>	<p>Desocultar sentimentos e atitudes em relação a determinadas situações</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Que tipo de constrangimentos sente ao abordar esta temática? - Quão confiante se sente na abordagem destes temas? - Que situações recorda na sua prática nesta área? - Qual é a sua atitude quando vê uma criança a estimular-se? - Como reage quando uma criança mostra estereótipos em relação ao sexo oposto? - Considera que a sua postura com uma 	

		<p>criança com NEE é igual ou diferente de com outra criança? É mais permissiva ou mais exigente?</p> <p>- Considera que a sua prática religiosa interfere na abordagem da educação sexual ?</p> <p>- Pondera que a sua tendência política influencia abordagem ao tema?</p>	
<p>BLOCO F</p> <p>Parecer dos pais</p>	<p>Compreender a comunicação com as famílias</p>	<p>- Como costuma ser a comunicação com os pais, no geral, sobre este tema?</p> <p>- Que postura, considera que os pais de crianças com NEE têm perante a educação sexual?</p> <p>- Que tipo de preocupações manifestam?</p> <p>-Acha que a prática religiosa dos pais interfere na abordagem da educação sexual dos seus filhos?</p> <p>- Pondera que a tendência política dos pais interfere na abordagem ao tema?</p>	

Apêndice B - Transcrição da entrevista a EI1

Blocos	Pergunta:	Resposta:	Tempo:	Observações:
Bloco B	- Idade;	51		
	- Habilitações;	Bacharelato em Educação de Infância, Complementos em Educação de Infância e Formação Artística e Mestrado em gestão escolar		
	- Tempo de serviço;	29		
Bloco C	-Tem conhecimento sobre a legislação acerca da Educação Sexual no pré-escolar?	Não, como eu gostaria de ter. Não me tenho dedicado muito à educação sexual no pré-escolar em termos de legislação. (...)		
	- Considera importante formação nessa área?	Acho que sim. Até acho que devia de haver mais, porque muitas vezes vamos a formações, e podem ser variadíssimas em muitas áreas, e a educação sexual é uma das áreas que nunca é muito abordada. Acho que há uma grande lacuna nessa área, porque é um tema que apesar de cada vez mais ser um assunto a abordar desde o pré-escolar, em termos de formação, ou porque eu não tenho conhecimento da existência dessas formações ou porque não existem assim tantas como tudo isso. (...)	1.30	
	- Já teve formação na temática de educação sexual? Se sim, que tipo de	Na formações dos complementos de formação, há cerca de 20 anos (...) formações que		

	formação (número de horas)	tenha frequentado, em jornadas pedagógicas ou algo do género e que há várias temáticas e surge uma intervenções de um orador (...)		
Bloco D	- Considera importante abordar o tema da educação sexual no pré-escolar?	Sim.(...)		
	- Que temas/temáticas considera importantes de constarem num projeto de educação sexual nesta faixa etária?	As diferenças entre homem mulher, menino e menina. E depois é em função dos interesses e aprofundar mais ou menos...	6.11	
	- Aborda?	Sim		
	- Se sim, de que forma?			
	- Que estratégias utiliza?	Lembro-me de ter aqui um grupo de 5 anos, que achei que não tinham muito conhecimento, não tinha abordado muito as questões nessa área e até de ir à biblioteca e trazer alguns livros que deixei à disposição, que poderiam criar algum interesse, como o nascimento dos bebés, ou qualquer coisa assim, e surpreendi-me, porque apesar dos livros terem ficado em cima da mesa propositadamente para causar algum impacto, não manifestaram interesse sobre o assunto. Mas lembro-me de outro grupo que teve interesse,	4.38	

		<p>e que envolvemos as famílias, em questões da sexualidade, do nascimento, da formação do bebé, que até os pais participaram, trouxeram livros, fotografias, algumas coisas, que fizemos um trabalho interessante. Porque depende, há grupos, ou meninos que têm mais interesse e acabam por alastrar o interesse aos outros, e há outros que não têm tanto.</p> <p>Normalmente, gosto de partir das histórias, para aprofundar os temas com eles.</p> <p>Podemos recorrer a jogos, imagens, visitas de estudo, ao centro de saúde ou ao hospital, quando era possível.</p> <p>E daí traz-se materiais interessantes dessas visitas, com cartazes, outros conhecimentos que os técnicos de saúde e que despertam ali alguns interesses, as visitas que acho que eu marcam as crianças, porque vêm ao vivo o trabalho e os objetivos de uma visita acabam por se refletir muito sobre eles.</p> <p>Nos últimos anos tem sido mais difícil, mais condicionados...</p> <p>Às vezes também tem sido possível trazer alguns</p>	6.50	
--	--	---	------	--

		<p>profissionais, pais enfermeiros ou enfermeiros da instituição que se disponibilizem para falar com o grupo sobre determinado tema porque é bastante interessante.</p> <p>Pois quando é pessoas de fora a trazer informação, desperta mais a atenção e podem ser diferentes abordagens interessantes à sua maneira.</p>		
	- Considera mais ou menos importante abordar este tema com crianças com NEE?	<p>Eu acho que é importante com todas as crianças, e as crianças com NEE, nas que tenho conhecimento, ou nas que tenho trabalhado ou nalgumas, parecem ter algum interesse especial por estas partes, de descobrirem o corpo, de se descobrirem a eles próprios, de se tocarem e dá-me a sensação que para eles é uma área de bastante interesse.</p>	9.04	
	- Quais são as maiores curiosidades manifestadas pelas crianças com NEE?	<p>A descoberta do próprio corpo, e das diferenças entre os rapazes e as raparigas. É aquilo que é mais perceptível para eles numa fase inicial.</p> <p>Depois podem vir mais temáticas e depende das suas capacidades, em termos de NE.</p> <p>(...)</p>	10.04	
	- Que brincadeiras sexuais saudáveis e naturais reproduzem?	<p>Evidências numa sala de atividades, acaba por ser o vestuário.</p> <p>O ir à arca das trabalhadas.</p>	10.50	

		<p>Os meninos terem tendência para colocar determinadas roupas que são associadas às meninas, ou colocar determinados adereços, às vezes diz um bocadinho sobre o que poderá ser a personalidade deles.</p> <p>Poderá ser alguns jogos de descoberta, ou alguns materiais que estejam à disposição das crianças.</p>		
	<p>- É importante ensinar o que é certo e errado, por exemplo em relação ao público e privado?</p>	<p>Há coisas que podem fazer em público e outras que não deverão fazer.</p> <p>O que é certo e o que é errado, é subjetivo; no entanto é certo que determinadas coisas são íntimas e não devemos fazer em público.</p> <p>Devemos encaminhá-los para fazer determinadas coisas mais em privado e outras que serão melhor aceites em público.</p> <p>Devemos orientá-los. Não no sentido de certo de errado, mas no sentido de que devemos ter alguma privacidade nalgumas dos nossos momentos íntimos, que devemos fazer em privado e não em público.</p>	12.40	
	<p>- Que termos utiliza para nomear os órgãos genitais?</p>	<p>A forma mais correta é chamar as coisas pelos nomes. Mas é tendência nossa chamar alguns diminutivos, alguns nomes alternativos, para chamar as coisas pelos nomes corretos (...)</p>	14.10	

		<p>Não uso muito um, nem outro.</p> <p>Limpa-te melhor, sem dizer o nome, sem nomear.</p> <p>Ao trabalhar com as crianças essa parte, nós devemos dizer os nomes corretos, principalmente se lhe estamos ensinar a conhecer as partes do corpo. Temos que lhe chamar o nome certo.</p> <p>Não vamos chamar pilinha, quando os meninos têm um pénis.</p> <p>Podemos é dizer que às vezes lhe chamamos outro nome, no entanto o nome correto é aquele.</p>		
	<p>- Considera importante criar noção entre o toque bom e o toque mau (e os segredos)?</p>	<p>É importante saberem que determinadas pessoas não lhes devem tocar em determinadas partes do corpo. A mãe cuida dos meninos, cuida das meninas, dá-lhes banho, limpa-os; mas agora determinadas pessoas externas não devem tocar nas crianças noutras partes do corpo, que devem ter a noção que nem tudo é para toda a gente andar a mexer. É normal darmos a mão, podemos dar um beijinho, ou passar a mão pelo cabelo, mas não devemos permitir que outras pessoas nos toquem noutras partes mais íntimas. Devem ter noção de que alguma forma devem estar resguardadas</p>	15.41	

	<p>algumas partes do corpo, para que tenham noção de que nem tudo é lícito de acontecer e que deverão até dizer aos familiares mais próximos se alguma situação aconteça, que passe aquilo que nós consideramos que sejam os padrões normais e que possam passar para para outra área de um exploração sexual das crianças e da sua integridade física.</p>		
<p>- Considera que o isolamento social atual possa ter impacto na expressão sexual das crianças com NEE? Em que medida?</p>	<p>Não sei....não sei se este isolamento atual os vai influenciar pela negativa ou pela positiva.</p> <p>Talvez o estarem mais isolados, os leve a fazer uma introspectiva mais sobre si próprios...(..)</p> <p>Poderão concentrar-se mais sobre si próprios, explorar mais o seu corpo. Sei de crianças, que teriam mais tendência para se explorarem a si próprias.(...)</p> <p>Acaba por ser uma especulação dizermos que poderá nalguns casos que se encontrem mais sozinhos e que se seja um escape para a sua concentração ou que seja uma forma de manterem o seu equilíbrio, de auto regularem,...Poderá ser, mas ...</p> <p>Casos com tendência de se tocarem, nos genitais, o estarem mais isolados, poderá eventualmente</p>	17.41	

		levar a mais incidência.		
Bloco E	- Que tipo de constrangimentos sente ao abordar esta temática?	<p>É sempre uma temática sensível, não só por nós como a pensar no que as próprias famílias possam pensar no que estamos a passar às crianças.</p> <p>Temos de ter algum cuidado, mas penso que as famílias estão cada vez mais conscientes de que este é um tema importante para as crianças e que estão mais abertas a este tipo de temáticas e que não lhes será estranho.</p> <p>Como já faz parte do currículo do 1º e 2º ciclo, acabaram no seu tempo de escolaridade terem noções já se sentem mais, a pensar nos pais jovens.</p> <p>Um assunto que continua a ter o seu Q de tabu.</p> <p>(...) é um tema que deixa os pais mais em alerta a pensar o que é que andam por lá a ensinar?!</p>	20	
	- Quão confiante se sente na abordagem destes temas?	<p>Não tenho relutâncias em abordar o tema com as crianças, no entanto, não é daquelas questões que me deixem mais à vontade, ou que tenha mais materiais para trabalhar. Gostava de ter mais materiais</p> <p>No entanto, é um tema como os outros, é de interesse, normalmente gostam de saber mais sobre si.</p> <p>É um tema como qualquer</p>		

		outro. É um tema a tratar, desde os 3 anos, aos 4, aos 5. Não temos de estar à espera de uma faixa etária ideal, vamos é aprofundando os temas em função do que é a idade deles e o conhecimento deles.		
	- Que situações recorda na sua prática nesta área?	Com vários grupos de fazer o cantinho do médico, que acaba por ajudar a explorar a sexualidade, a descoberta do corpo, com os 4 / 5 anos Várias histórias, vários projetos	23.25	
	- Qual é a sua atitude quando vê uma criança a estimular-se?	Posso não interferir se for uma coisa esporádica, mas se tiver tendência para fazer com muitas frequência tento desviá-los um bocadinho desse padrão, para que não se torne um hábito, para que não tornem a fazer a toda a hora e que se torne uma situação que se torne embaraçosa para a criança. Tento desviar a atenção quando se torna mais frequente. Se for uma vez...	24.26	
	- Como reage quando uma criança mostra estereótipos em relação ao sexo oposto?	Essa parte, já não deveria de existir. Temos que tentar fazer com que aceitem todos como iguais dentro das suas diferenças. Temos de nos aceitar todos uns aos outros. Somos todos iguais e todos diferentes. Temos de respeitar	25.28	

		independentemente da orientação sexual de cada um.		
	- Considera que a sua postura com uma criança com NEE é igual ou diferente de com outra criança? É mais permissiva ou mais exigente?	<p>Eu acho que acabamos por ser mais exigentes.</p> <p>Queremos que eles sigam determinados comportamentos mais coerentes, quando estão em grupo, que muitas vezes teimam em não ter. São crianças que levam mais tempo a perceber que (...)</p> <p>Por vezes, somos menos, pois temos de entender que a criança não está apta para fazer essa aprendizagem. Mas temos de lhe dar um tempo.</p> <p>Tudo tem de ter um peso e uma medida.</p> <p>Há momentos que temos de ser condescendentes, enquanto que noutros, normalmente temos de ser exigentes, e temos de ir aos poucos modelando a criança, no sentido de acompanhar o grupo, pois temos de o preparar para o ensino estruturado, onde eles também têm de saber estar em grupo,(...)</p> <p>Tem de haver um equilíbrio entre a condescendência e a exigência.</p>	26.53	
	- Considera que a sua prática religiosa interfere na abordagem da	Não		

	educação sexual ?			
	- Pondera que a sua tendência política influencia abordagem ao tema?	Não		
Bloco F	- Como costuma ser a comunicação com os pais, no geral, sobre este tema?	<p>É uma abordagem como qualquer outro tema.</p> <p>Se eventualmente falarmos deste tema, falamos, como falamos da agricultura biológica,...</p> <p>É tão importante como os outros temas, faz parte de nós, em primeiro lugar.</p> <p>Faz parte de uma aprendizagem que é importante e devemos tratá-la com essa importância e dar-lhe todo o valor.</p> <p>A reação dos pais é que poderá ser diferente. Mas penso que não. Até aderem bem a essas temáticas também e até acham interessante os meninos aprenderem.</p>	25.56	
	- Que postura, considera que os pais de crianças com NEE têm perante a educação sexual?	<p>Até acho que os pais sejam mais desligados, não dão tanto valor, tanto significado.</p> <p>Crianças, em que havia a tendência para se tocarem, de explorarem o seu próprio corpo, na tal situação de público, não só de privado, até porque aqui em termos de instituição é muito difícil, o privado, estamos todos em</p>		

		<p>grupo; e a ideia que tenho é que os pais dessas crianças não davam importância a essas questões.</p> <p>Não sei se os pais consideram que por ter NEE, lhe era condescendido fazer esse tipo de toque, de exploração ou se em geral consideravam que era normal.</p>	33.03	
	- Que tipo de preocupações manifestam?	<p>Depende das pessoas. Penso que podem haver uns pais mais preocupados, que talvez tenham uma ideologia de preocupação ou de proteção, ou de inibição. E outros que não, que é tudo muito normal, e que a seu tempo passará, a seu tempo eles deixarão de fazer isso, ...</p>		
	-Acha que a prática religiosa dos pais interfere na abordagem da educação sexual dos seus filhos?	Não		
	- Pondera que a tendência política dos pais interfere na abordagem ao tema?	Não		<p>A interferência no Algarve dos estrangeiros, de outras culturas, tornam todos mais liberais.</p> <p>As mentalidades estão mais abertas.</p>

Apêndice C- Transcrição da entrevista a E12

Blocos	Pergunta:	Resposta:	Tempo:	Observações:
Bloco B	- Idade;	31		
	- Habilitações;	Mestrado em Educação de Infância		
	- Tempo de serviço;	9 anos		
Bloco C	-Tem conhecimento sobre a legislação acerca da Educação Sexual no pré-escolar?	Não		
	- Considera importante formação nessa área?	Sim		
	- Já teve formação na temática de educação sexual? Se sim, que tipo de formação (número de horas)	Especificamente não, mas já fui a formações em que há tópicos sobre isso.		
Bloco D	- Considera importante abordar o tema da educação sexual no pré-escolar?	Sim, se for ao encontro do que as crianças querem, se surge a questão, a temática		
	- Que temas/temáticas considera importantes de constarem num projeto de educação sexual nesta faixa etária?	Que perceberem que para gerar vida, o porquê de existir.	2.20	
	- Aborda?	Não. Vou de encontro ao que perguntam...		
	- Se sim, de que forma?			
	- Que estratégias utiliza?			
	- Considera mais ou menos importante abordar este tema	É tão importante.	3.57	

	com crianças com NEE?			
	- Quais são as maiores curiosidades manifestadas pelas crianças com NEE?	Há aquela de quando vão à casa de banho, as diferenças,...	4.48	
	- Que brincadeiras sexuais saudáveis e naturais reproduzem?	O jogo simbólico. Há crianças que para dormir, precisam de estimulação. Se calhar por falta de formação e de não saber como agir.		
	- É importante ensinar o que é certo e errado, por exemplo em relação ao público e privado?	Completamente, por uma questão de regras, normas da sociedade.	6.44	
	- Que termos utiliza para nomear os órgãos genitais?	Pénis e vagina. As próprias crianças é que já têm já nomes. Nos meninos, é a pilinha. As meninas é que é mais complicado, Cada mãe tem um nome, cada uma intitula pelo nome que quer. Já falámos sobre isso.	7.02	
	- Considera importante criar noção entre o toque bom e o toque mau (e os segredos)?	Sim, os outros mexerem tem a ver com as regras. Eles mexerem neles próprios, se estiverem na casa de banho, digo já chega, vamos embora. Os meninos é mais. Na altura do bacio, os meninos mexem, é normal, estão a conhecer melhor. É importante saberem	9.14	

		que é deles e não para outras pessoas mexerem.		
	<p>- Considera que o isolamento social atual possa ter impacto na expressão sexual das crianças com NEE?</p> <p>Em que medida?</p>	<p>Acho que não. Têm sido pequenos períodos. Se as coisas continuarem assim, é que...é como tudo. É uma quebra, mas se forem bem acompanhados e as coisas retomarem da forma certa tudo vai encaixar outra vez.</p>	10.37	
Bloco E	<p>- Que tipo de constrangimentos sente ao abordar esta temática?</p>	<p>É uma temática às vezes um bocadinho difícil de trabalhar, no sentido de não os induzir em erros, e de eles perceberem da forma certa, mas que não seja de uma forma muito explícita e muito agressiva, entre as aspas. Por exemplo, saberem como é o bebé, como nasce, por onde nasce. Imagino que faça um filme na cabeça de uma criança.</p> <p>Às vezes encontrar a forma adequada de transmitir a informação é o mais difícil. Mas já temos muitos livros, muitas coisas que levam à realidade das coisas de uma forma mais adequada. Se usarmos os materiais corretos e a linguagem...Mas o mais difícil é saber que estamos no caminho certo.</p>	11.20	

	<p>- Quão confiante se sente na abordagem destes temas?</p>	<p>Se surgir o tema, se a criança questionar, sinto-me à vontade. Indo buscar os tais instrumentos adequados para falar do assunto e para que eles percebam como é que as coisas são corretamente. Para não induzir em erro, a questão da cegonha, ...ainda há muitas crianças que ainda pensam assim.</p> <p>Como passar do tempo na carreira vamos ficando mais confiantes com os termos e os pais.</p>	<p>12.49</p> <p>14.30</p>	
	<p>- Que situações recorda na sua prática nesta área?</p>	<p>A menina, começou desde muito pequena em idade de creche até ir para a escola.</p>		
	<p>- Qual é a sua atitude quando vê uma criança a estimular-se?</p>	<p>Deixo-a estar.</p> <p>Se estivesse a fazer em frente ao grupo todo, tinha de a chamar à atenção, é a tal questão de que não se faz ao pé de outros meninos.</p> <p>Na hora do sono, em que estão todos a dormir, e ninguém dá por isso, não digo nada.</p>		
	<p>- Como reage quando uma criança mostra estereótipos em relação ao sexo oposto?</p>	<p>Muitas vezes explico que não. Não existe uma coisa específica para cada sexo, cores,(...) os gostos podem ser os mesmos.</p>	<p>15.35</p>	
	<p>- Considera que a sua postura com uma criança com NEE é igual ou diferente de</p>	<p>Se calhar, mais permissiva.</p>		

	com outra criança? É mais permissiva ou mais exigente?			
	- Considera que a sua prática religiosa interfere na abordagem da educação sexual ?	Não	18.19	
	- Pondera que a sua tendência política influencia abordagem ao tema?	Não		
Bloco F	- Como costuma ser a comunicação com os pais, no geral, sobre este tema?	Nunca aconteceu.		
	- Que postura, considera que os pais de crianças com NEE têm perante a educação sexual?			
	- Que tipo de preocupações manifestam?	Avó de um menino que brincava com bonecas, perguntou-me o que eu achava.		
	-Acha que a prática religiosa dos pais interfere na abordagem da educação sexual dos seus filhos?	Possivelmente, mas não interfere na sala. Acredito que quem leve à risca a religião, também deve levar nesse tema.		
	- Pondera que a tendência política dos pais interfere na	Não		

	abordagem ao tema?			
--	--------------------	--	--	--

Apêndice D- Transcrição da entrevista a EI3

Blocos	Pergunta:	Resposta:	Tempo:	Observações:
Bloco B	- Idade;	48		
	- Habilitações;	Licenciatura em Educação de Infância		
	- Tempo de serviço;	26 anos		
Bloco C	-Tem conhecimento sobre a legislação acerca da Educação Sexual no pré-escolar?	Não		
	- Considera importante formação nessa área?	Sim		
	- Já teve formação na temática de educação sexual? Se sim, que tipo de formação (número de horas)	2 formações		
Bloco D	- Considera importante abordar o tema da educação sexual no pré-escolar?	Sim		
	- Que temas/temáticas considera importantes de constarem num projeto de educação sexual nesta faixa etária?	A diferenciação sexual, diferenças entre meninos e meninas.		
	- Aborda?	Sim		
	- Se sim, de que forma?	Explicar o porquê da diferença. A menina irá ser mulher e o		

		<p>menino homem.</p> <p>Às vezes, partindo do estudo do corpo humano. Os sistemas do corpo humano, como se come, como se respira, como se faz o chichi, o sangue.</p> <p>Abordamos esses sistemas, até construímos um boneco que tinha estômago, pulmões, tinha algumas coisas e vimos algumas diferenças. Por onde saía o xixi nas meninas e nos meninos.</p>	4.39	
	- Que estratégias utiliza?	Quando há interesse, o assunto tem de ser abordado. Quando dão a deixa, há que aproveitar.		
	- Considera mais ou menos importante abordar este tema com crianças com NEE?	<p>Talvez mais. Porque requerem mais trabalho do que as crianças ditas normais.</p> <p>Como têm mais necessidades, tem que se trabalhar mais.</p>	7.05	
	- Quais são as maiores curiosidades manifestadas pelas crianças com NEE?	O facto de serem diferentes. A curiosidade da diferença.		
	- Que brincadeiras sexuais saudáveis e naturais reproduzem?	Brincar aos filhos, aos bebés, aos pais e filhos, ao pai e à mãe.	9.50	
	- É importante ensinar o que é certo e errado, por exemplo em relação ao público e privado?	<p>Penso que sim. Há coisas que são íntimas, por isso não são públicas.</p> <p>Exemplo de criança a masturbar-se.</p>	<p>10</p> <p>11m</p>	
	- Que termos utiliza para nomear os órgãos genitais?	Vagina e pénis. Acho que deve-se dar os nomes corretos e não inventar:	12.37	

		<p>pipi,....</p> <p>Acho que não se deve inventar.</p> <p>Digo “Limpa-te bem!”</p> <p>Sim, omito.</p> <p>Com os meninos digo, cuidado não molhes a roupa.</p> <p>Acho que os termos corretos devem ser usados, mas há alguma coisa que não fica bem.</p> <p>Não compreendo, não gosto dizer Xixa, digo carne ...</p> <p>E com estes termos, parecem mais pesados,</p>	16.17	<p>Quando queres dizer na casa de banho para se limpar bem, dizes vagina?</p> <p>Omites?</p>
	- Considera importante criar noção entre o toque bom e o toque mau (e os segredos)?	<p>Deve diferenciação, porque uma coisa é a higiene e outra será o abuso.</p> <p>Nunca falei nisso.</p>	16.46	
	- Considera que o isolamento social atual possa ter impacto na expressão sexual das crianças com NEE? Em que medida?	<p>Acho que sim. O facto de estarem em casa fechados não contactarem nem com mais crianças, nem com mais adultos, já é o suficiente para ficarem com mais necessidades.</p>	19.29	
Bloco E	- Que tipo de constrangimentos sente ao abordar esta temática?	<p>É uma temática que deve ser abordada de uma forma natural, mas às vezes é difícil abordar e não é aceite pela maioria das pessoas. É uma temática que continua com tabus. Ainda há uma certa vergonha, não é bem aceite, bem vista.</p> <p>Podem dizer “Agora vai fazer sexo com o meu filho na escola!” (...)</p>	23.45	

		Não há liberdade para falar bem disso, é um assunto fechado, pouco falado, não de como deveria ser, de uma forma natural como são os outros na sociedade.		
	- Quão confiante se sente na abordagem destes temas?	A pessoa tenta transmitir o que é verdade. Mas é uma coisa que se fale à vontade, porque não é falada de uma forma natural, como outros temas. Dá-me a ideia que é uma coisa que vem de trás. Enquanto que outros assuntos não, nesta sociedade...conservadora. Medo de falar, medo de usar palavras que não são aceites.	25.45	
	- Que situações recorda na sua prática nesta área?	Durante 3 anos, as 2 horas de sono a... Não dormia. Isolávamo-lo, numa zona onde ficava mais afastado dos outros. Mais tarde, também fazia noutros sítios.	11m	
	- Qual é a sua atitude quando vê uma criança a estimular-se?	Deixava-o à vontade, colocando-o num sítio mais isolado.	28.45	
	- Como reage quando uma criança mostra estereótipos em relação ao sexo oposto?	O rosa não é das meninas e o azul não é dos meninos.	29.46	
	- Considera que a sua postura com uma criança com NEE é igual ou diferente de com outra criança? É	Talvez mais permissiva. Apesar de se ter de trabalhar mais nela. É contraditório. Depende.	30.44	

	mais permissiva ou mais exigente?			
	- Considera que a sua prática religiosa interfere na abordagem da educação sexual ?	Não.		
	- Pondera que a sua tendência política influencia abordagem ao tema?	Não.		
Bloco F	- Como costuma ser a comunicação com os pais, no geral, sobre este tema?	Nunca abordei esse tema. Só com o pai do menino, uma conversa, pois ele em casa também fazia.	32	
	- Que postura, considera que os pais de crianças com NEE têm perante a educação sexual?	Talvez esperem que defendam os filhos de certos abusos, porque uma criança com NEE é mais vulnerável, à pedofilia ou outro tipo de abusos. Apesar de serem mais trabalhadas e terem mais informação, continuam mais vulneráveis.	32.59	
	- Que tipo de preocupações manifestam?	A preocupação de vir a acontecer alguma coisa.	33.47	
	-Acha que a prática religiosa dos pais interfere na abordagem da educação sexual dos seus filhos?	Talvez. Porque os pais transmitem aos filhos certas regras.		

	- Pondera que a tendência política dos pais interfere na abordagem ao tema?	Não.		
--	---	------	--	--

Apêndice E- Transcrição da entrevista a EI4

Os Blocos	Pergunta:	Resposta:	Tempo:	Observações:
Bloco B	- Idade;	40		
	- Habilitações;	Licenciatura em Educação Pré-Escolar		
	- Tempo de serviço;	15 anos		
Bloco C	-Tem conhecimento sobre a legislação acerca da Educação Sexual no pré-escolar?	Não		
	- Considera importante formação nessa área?	Sim		
	- Já teve formação na temática de educação sexual? Se sim, que tipo de formação (número de horas)	Fiz formação no curso. Fiz um trabalho específico sobre este tema. Estamos a falar de há 15 anos. Tipo 1.30h+1h30m de outra formação.		
Bloco D	- Considera importante abordar o tema da educação sexual no pré-escolar?	Sim		
	- Que temas/temáticas considera importantes de constarem num projeto de educação sexual nesta faixa etária?	Trabalhar a situação do género, saber se proteger em termos sexuais. Saber o que os outros podem fazer com o corpo delas ou não. Saber quando é que é cuidados de higiene ou não, quando é que deixa de ser (...) Há uma linha que separa aquilo que é o cuidado, os cuidados básicos de higiene e depois a partir	2.16	

		<p>dali deixa de ser, e passa a ser outra coisa. Se trabalharmos desde a infância...</p> <p>A questão de género e a criança saber diferenciar o que são cuidados de higinene e o que é que passa para além disso.</p>		
	- Aborda?	Sim.		
	- Se sim, de que forma?	<p>Normalmente acontece em conversas não dirigidas.</p> <p>Ou quando a criança na muda da fralda, perceber se em casa a coisa está a correr bem, se existe ali algum indício ou não.</p> <p>Mesmo antes disso, fala-se se são meninos, se são meninas, fala-se em tenra idade do género da criança.</p>		
	- Que estratégias utiliza?			
	- Considera mais ou menos importante abordar este tema com crianças com NEE?	<p>A importância está lá. É igual</p> <p>Depende da NEE(...)</p> <p>Se a criança tem um défice cognitivo grande(...)</p> <p>É um tema ...</p> <p>É igual.</p>	3.48	
	- Quais são as maiores curiosidades manifestadas pelas crianças com NEE?	As crianças que tenho tido, pouco verbalizam.	5.00	

	- Que brincadeiras sexuais saudáveis e naturais reproduzem?	Quando vão ao bacio, tendem a mexer nos seus órgãos genitais. (...) Nunca tive crianças que tivessem de ser controladas.	5.54	
	- É importante ensinar o que é certo e errado, por exemplo em relação ao público e privado?	Sim, claro que sim.	6.57	
	- Que termos utiliza para nomear os órgãos genitais?	Tem uma pilinha, a menina a lolinha.	8	É uma tema um bocado tabu. Ainda há muito preconceito em falar disso, porque eu posso usar os nomes certos: pénis e vagina. E se criança chega a casa e diz.
	- Considera importante criar noção entre o toque bom e o toque mau (e os segredos)?	Sim.		
	- Considera que o isolamento social atual possa ter impacto na expressão sexual das crianças com NEE? Em que medida?	Sim, mas também depende do isolamento da criança. Se teve apoio familiar Ou a criança se isolou e explorou ou é de uma família desestruturada e aproveitaram o confinamento para abuso. Que eu saiba não....	9.34	

		capaz de dizer que na sala não, em casa, ou na casa de banho, quando tu estiveres no quarto sozinho, mas aqui não porque estão os meninos. Explico sempre. Mas depende das idades.		
	- Como reage quando uma criança mostra estereótipos em relação ao sexo oposto?	<p>Para mim não há na sala brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos.</p> <p>Não existem cores de menina e cores de menino. (...) E se o menino quiser uma saia na casinha, também pode.</p> <p>“Pára tudo. Tudo sentado e vamos explicar. Vamos dar exemplos práticos: o pai ajuda na cozinha?!O pai já pôs a mesa sozinho?... E deixou de ser homem?</p> <p>A mãe joga à bola? (...) não deixou de ser uma mulher!</p> <p>E isso passa pelas rotinas em casa, pelas peças de vestuário.</p> <p>Na sala, passa pela sala, os espaços da sala são para ser usados por todos.</p>	16.15 16.50 17.20	
	- Considera que a sua postura com uma criança com NEE é igual ou diferente de com outra criança? É mais permissiva ou mais exigente?	<p>É diferente.</p> <p>O meu rigor é o mesmo. Não por isso que tem o estatuto de pode tudo. Tem de ser repreendido, tem de ser chamado à atenção,</p>	19.47	

		<p>como as outras também são.</p> <p>Mas se calhar só o tocar no ombro, não sei se chega. Aí tem que se arranjar outra estratégia.(...)</p> <p>Com NEE, tem que adaptar uma que dê para aquela criança.</p>		
	- Considera que a sua prática religiosa interfere na abordagem da educação sexual ?	Não.		
	- Pondera que a sua tendência política influencia abordagem ao tema?	Não.		
Bloco F	- Como costuma ser a comunicação com os pais, no geral, sobre este tema?	<p>Se for uma situação mais compulsiva, tem de se tratar com a família.</p> <p>Até agora nunca foi preciso, o toquinho no ombro.</p>	21.28	
	- Que postura, considera que os pais de crianças com NEE têm perante a educação sexual?	Nunca falámos nisso.	22.30	
	- Que tipo de preocupações manifestam?	-		
	-Acha que a prática religiosa dos pais interfere na	Não		

	abordagem da educação sexual dos seus filhos?			
	- Pondera que a tendência política dos pais interfere na abordagem ao tema?	Não		

Apêndice F – Transição da entrevista a EI 5

Blocos	Pergunta:	Resposta:	Tempo:	Observações:
Bloco B	- Idade;	29		
	- Habilitações;	Mestrado em Educação Pré-Escolar		
	- Tempo de serviço;	7, quase 8		
Bloco C	-Tem conhecimento sobre a legislação acerca da Educação Sexual no pré-escolar?	Não		
	- Considera importante formação nessa área?	Sim		
	- Já teve formação na temática de educação sexual? Se sim, que tipo de formação (número de horas)	Já. 2 formações- colóquio com a temática da sexualidade com a Vânia Beliz (Total 3h30m)		
Bloco D	- Considera importante abordar o tema da educação sexual no pré-escolar?	Sim		
	- Que temas/temáticas considera importantes de constarem num projeto de educação sexual nesta faixa etária?	O conhecimento do corpo, o conhecimento do outro, da diferença de género, é muito importante, da relação do outro com o corpo.	2.13	
	- Aborda?	Não exploro diretamente, mas exploramos o corpo, o		

		<p>conceito do eu, do outro.</p> <p>No desfralde, abordamos esta temática da sexualidade, do reconhecimento do corpo.</p>		
	- Se sim, de que forma?	Acima de tudo, tento ter uma comunicação clara, as ideias têm de ser claras, objetivas		
	- Que estratégias utiliza?			
	- Considera mais ou menos importante abordar este tema com crianças com NEE?	É igualmente importante. Talvez mais importante e mais desafiante. Por causa das limitações das crianças, porque a percepção dessas crianças. Pode não ser tão clara, porque os conceitos de uma criança com todas as suas capacidades mentais, cognitivas que tem, pode ser mais difícil. E daí ser mais importante trabalharmos nesse sentido.	4.28	
	- Quais são as maiores curiosidades manifestadas pelas crianças com NEE?	A exploração do corpo, o interesse do toque, o prazer, a descoberta do outro. Tal como eu sinto, o outro sente, a curiosidade.		
	- Que brincadeiras sexuais saudáveis e naturais reproduzem?	<p>A exploração dos genitais, a si próprios</p> <p>O toque no outro....é nisso que temos de trabalhar, ensinar a todas as crianças, não só a crianças com necessidades especiais, que se podem tocar, tendo cuidados. Mas no que respeita a tocar no outro, na cara, na barriga, nos genitais, tem de ser com o</p>	6.27	

		consentimento do outro.		
	- É importante ensinar o que é certo e errado, por exemplo em relação ao público e privado?	É muito importante. Ensinamos a todas as crianças, independentemente das suas limitações, o que podem fazer individualmente e com os outros. Até onde podem ir, de uma forma saudável, com uma linguagem simples, clara e objetiva para que possam compreender.		
	- Que termos utiliza para nomear os órgãos genitais?	Os termos nos meninos é mais fácil- a pilinha. Mas nas meninas...Dou por mim a contornar as palavras. (...) Em vez de dizer"Limpa a tua vulva", digo " Consegues limparte? Queres ajuda? Quase palavras secretas, que não podemos dizer, e nem sabemos porquê. É um grande estereótipo. É arcaico. As meninas é o pipi e não o termo correto que é a vulva. A Vânia já referiu isso, dar o nome certo das coisas às coisas. Eu sei que não devia ser assim, esta barreira, mas pode ser que com a experiência, vá para esta designação.	8.17	
	- Considera importante criar noção entre o toque bom e o toque mau (e os segredos)?	Na cabeça de uma criança não há toque bom e nem toque mau. Nós muitas vezes é que julgamos... o toque mau, quer dizer	11.12	

		<p>magoar a criança...</p> <p>11.35</p> <p>Toque bom e mau. Exemplo de ed. Brasileira com bolinha: verdes, amarelas e vermelhas.</p> <p>12.43</p> <p>Porque há o íntimo, o que é nosso, o pai e a mãe podem ajudar a limpar, a ajudar no banho, mas mais ninguém pode.</p> <p>14.07</p> <p>Essa educadora dizia...</p> <p>Devia imediatamente dizer a alguém (...) de confiança.</p>		
	<p>- Considera que o isolamento social atual possa ter impacto na expressão sexual das crianças com NEE?</p> <p>Em que medida?</p>	<p>Pode e não pode.</p> <p>Tem muito a ver com cada criança, talvez com cada deficiência. Estou-me a lembrar da Trissomia 21, que são muito ligados ao carinho, às emoções, ao toque, talvez estarem mais ansiosos, se sintam com mais ansiedade, procurem mais conforto, mais auto-conforto, através da estimulação do seu corpo e aí pode ser um escape, a masturbação, uma forma de obterem algum prazer.</p> <p>17m</p> <p>Talvez queiram fazer o que faziam em casa.</p> <p>19.05</p> <p>Cada caso é um caso e depende das crianças.</p>		
Bloco E	- Que tipo de constrangimentos	Vou desbloqueando com a		

	<p>sente ao abordar esta temática?</p>	<p>experiência.</p> <p>O dizer que a criança está assada nos lábios, chamar as coisas pelos nomes.</p> <p>Ex. A menina que se masturbava e que fez feridas, ter de confrontar a mãe, que não chamava as zonas pelos nomes.</p> <p>Notava que a filha se massajava na zona da barriga.</p>	<p>21.50</p> <p>24.29</p>	
	<p>- Quanto confiante se sente na abordagem destes temas?</p>	<p>Agora sinto-me mais confiante (...)</p> <p>Não tenho problema em dizer as coisas pelos nomes. Noto que vou tendo mais facilidade com a prática, depende da abertura que os pais te dão.</p> <p>Quando tenho de dizer as coisas pelos nomes, digo. Já é fácil. Com os meninos é tudo mais simples.(...)</p>	<p>24.59</p>	
	<p>- Que situações recorda na sua prática nesta área?</p>	<p>Situação do menino que foi à casa de banho e estava no chão, sentado a estimular-se(...)</p> <p>A menina que já se estava a magoar (...)</p> <p>Os rapazes, noto que exploram mais (...)</p> <p>Quando têm uma ereção e tocam, têm curiosidade. Dizem “Está grande!”,</p>	<p>26.42</p> <p>27.50</p> <p>28</p>	

		“Está a doer!”		
	- Qual é a sua atitude quando vê uma criança a estimular-se?	Eu não reprimo (...) Temos de dormir, tira os braços para cima, sentava-me ao lado dela.	29.13 29.40	
	- Como reage quando uma criança mostra estereótipos em relação ao sexo oposto?	Não aconteceu comigo. As minhas crianças brincam livremente pela sala. Tenho meninos que deliram com a casinha. Tenho meninas que gostam de brincar com os carrinhos. Eu permito sempre. As atividades em que há escolha de cores (...) As colegas, ainda têm essa tendência de cor-de-rosa para as meninas e azul para os meninos. “ Vamos deixar que eles escolham”	30.47	
	- Considera que a sua postura com uma criança com NEE é igual ou diferente de com outra criança? É mais permissiva ou mais exigente?	Talvez mais exigente e mais permissiva. Mais compreensiva, a querer dar mais conforto, dar mais carinho, amparar mais. Mas um bocadinho mais exigente, para que consiga alcançar determinadas capacidades. Como por ex. calçar os sapatos sozinha, tentar falar sozinha. Acho que sou um bocadinho mais exigente.	33.49	

	- Considera que a sua prática religiosa interfere na abordagem da educação sexual ?	Não. Prezo a igualdade, o respeito, o cuidado com o corpo e o corpo do outro.	35.07	
	- Pondera que a sua tendência política influencia abordagem ao tema?	Não.		Política não, mas social sim. Como fomos ensinadas .das professoras e da mãe. A minha mãe dizia "Pipi" e eu digo "Pipi" O que nós aprendemos...
Bloco F	- Como costuma ser a comunicação com os pais, no geral, sobre este tema?	São as questões de desfralde, permitir que a criança também vá à casa de banho em casa. Tenho o seu (...) Quando as crianças não estão bem, com as assaduras.	2ª parte	
	- Que postura, considera que os pais de crianças com NEE têm perante a educação sexual?	Cada caso é um caso. Cada família é uma família. Acredito para alguns pais haja uma preocupação, principalmente nas crianças que demonstrem ter alguma tendência sexual, para a explorar o seu corpo e explorar o outro, se deparem com mais dúvidas, mais inquietações e acredito que peçam ajuda a quem acompanha os filhos, para clarificar algumas ideias e dúvidas. Para alguns pais, e comunidade educativa em	2.08 (2ª parte)	

		<p>geral, a educação sexual é um tabu.</p> <p>É uma temática que fica um bocadinho esquecida, que faz falta formação pessoal e social, é transversal a todas as áreas, que tem uma maior visibilidade na área da formação pessoal e social, mas é aquela que fica muitas vezes guardada na gaveta, que não é abordada de uma forma clara, como outra qualquer temática, como auto-conceito, auto-estima, auto-regulação, fica mais suprida.</p> <p>Acredito que os pais se preocupem (...)</p> <p>Mas também há pais que nem querem falar sobre a sexualidade.</p>		
	- Que tipo de preocupações manifestam?	Respondida na anterior		
	-Acha que a prática religiosa dos pais interfere na abordagem da educação sexual dos seus filhos?	<p>Acho que sim.</p> <p>Principalmente os pais mais velhos.</p> <p>Acredito que as gerações mais novos, são mais abertas.(...)</p> <p>É como se a criança não tivesse sexualidade...</p>	4.52 (2ªp)	
	- Pondera que a tendência política dos pais interfere na abordagem ao tema?	Sim.		

Apêndice G- Transcrição da entrevista de EI6

Blocos	Pergunta:	Resposta:	Tempo:	Observações:
Bloco B	- Idade;	35		
	- Habilitações;	Licenciatura em Educação de Infância		
	- Tempo de serviço;	12 anos		
Bloco C	-Tem conhecimento sobre a legislação acerca da Educação Sexual no pré-escolar?	Não		
	- Considera importante formação nessa área?	Sim		
	- Já teve formação na temática de educação sexual? Se sim, que tipo de formação (número de horas)	Acho que já, mas não tenho a certeza, acho que foi um seminário na formação inicial		
Bloco D	- Considera importante abordar o tema da educação sexual no pré-escolar?	Sim		
	- Que temas/temáticas considera importantes de constarem num projeto de educação sexual nesta faixa etária?	- As diferenças de sexo, de género (menino e menina); a higiene, cuidados com o toque, que os adultos não devem tocar, que as partes íntimas, ...	3.33	Reflexão: “Devia de haver uma AEC um projeto ou, como temos a música e a educação física, devia de haver essa preocupação, é um tema que fica um pouco

			(3.41)	esquecido, e fazia falta
- Aborda?	<p>Dessa maneira que disse anteriormente, nunca abordei. Só a diferença de género e da higiene, sim.</p> <p>Mas acabo por abordar, mas não de uma forma tão exaustiva,...</p> <p>Mas, em certas situações, como as crianças andarem a mexer nos órgãos sexuais umas das outras, já tivemos esse tipo de conversas.</p>			
- Se sim, de que forma?	Imagens, perguntar o género, de que género é que são, se são meninos ou meninas, os cuidados de higiene, conversa de não mexerem nos órgãos genitais uns dos outros.		4.37	
- Que estratégias utiliza?	Faço alguns projetos, mas são muito influência do que querem fazer. Depende do que querem aprender. Nós temos objetivos, mas se calhar é mais pelo que as crianças nos dão, depende dos interesses e necessidades das crianças.			
- Considera mais ou menos importante abordar este tema com crianças com NEE?	Acaba por ser importante, principalmente com essas crianças. As crianças com trissomia 21 tem essa parte de cariz sexual. Tentar abordar o tema de forma a se controlarem um pouco e para terem cuidado com os predadores sexuais. As crianças não compreendem como nós, adultos o que é que significa os predadores sexuais, que os adultos não devem tocar nos órgãos sexuais. Nós tocamos nos órgãos genitais deles para fazer higiene, mas não...o toque		5.55	
- Quais são as	O que riem : a pilinha, a lolita, a			

	maiores curiosidades manifestadas pelas crianças com NEE?	curiosidade, dos órgãos genitais		
	- Que brincadeiras sexuais saudáveis e naturais reproduzem?	<p>Imitar o que os pais fazem.</p> <p>Tivemos o caso de um menino que apanhava os canais pornográficos e começou a imitar o que via.</p> <p>A mamã e o papá, darem beijinhos na boca, escondidos.</p> <p>O toque na casa de banho, e olharem.</p>		
	- É importante ensinar o que é certo e errado, por exemplo em relação ao público e privado?	<p>Deve-se ensinar.</p> <p>Um menino que se estava sempre a tocar nos órgãos genitais e a estimular-se. E as meninas também.</p> <p>Depois temos de os chamar em atenção, porque essas coisas não são para se fazer em público, que é para fazer em privado. E era o que os pais também diziam para fazer.</p> <p>Tem que ser, porque senão vão contar para casa e começam todos a fazer.</p>	10.4	
	- Que termos utiliza para nomear os órgãos genitais?	<p>Isso é uma questão muito complicada, porque o correto seria usar o pénis e a vagina.</p> <p>Mas há pais muito pudicos e ensinam outros termos e às vezes não querem que ensinemos a dizer o pénis e a vagina, tem que ser a loló e a pilinha; ou às vezes nem querem ouvir falar sobre esse assunto. O correto seria usar pénis e vagina. Ou então, como num estágio, arranjámos um consenso entre todos e chamarmos um nome. O correto é como eu estou a dizer, porque</p>	11.04	

		quando ensinamos o corpo humano, dizemos os nomes corretos. (com o filho digo pilinha e pénis 12.11)		
	- Considera importante criar noção entre o toque bom e o toque mau (e os segredos)?	Acho que sim.	12.32	
	- Considera que o isolamento social atual possa ter impacto na expressão sexual das crianças com NEE? Em que medida?	Sim. Se calhar agora observa-se mais situações. A questão dos predadores sexuais, às vezes estão nas próprias casas e o perigo, torna-se maior. Se calhar os educadores conseguem detetar certas e determinadas questões em relação à sexualidade na escola, na creche e se calhar em casa não se apercebe tanto disso, uma coisa que fica camuflada ou escondida. Se calhar, só quando regressam é que notas coisas estranhas, e já pode não ser a tempo. É o que temos visto nas notícias, que as agressões de violência doméstica e a parte da sexualidade, dos predadores sexuais, que cada vez está a aumentar mais.	13.25	
Bloco E	- Que tipo de constrangimentos sente ao abordar esta temática?	Os pais. Que são pudicos, não aceitam, se calhar, este tema. As crianças, acho que não, porque têm curiosidade sobre o assunto. A própria instituição. Nunca vi nenhum trabalho sobre a sexualidade, neste sentido, que estás a falar. Mas também nunca tivemos proibição de falar certos e determinados assuntos. Nunca nos disseram que não podíamos abordar, mas também se abordássemos, poderia a instituição dizer que não fosse	14.49	

		abordado. Pois é a tal história, ainda há muito a parte pudica e tabu sobre este tema.		
	- Quanto confiante se sente na abordagem destes temas?	Nada confiante. Teria de fazer uma pesquisa. Não é um tema que trabalhe aprofundadamente. Pensando um bocadinho no assunto, se calhar é um tema que fica para trás e se calhar devia ser abordado.	15.56	17.54 sobre a aceitação dos pais
	- Que situações recorda na sua prática nesta área?	Ai tenho tantos! Para além das que falei, crianças que fazem sons que ouvem em casa; e tive uma situação de uma filha que tocava nos órgãos genitais do pai. Que enquanto que o pai dormia, a criança mexia nos órgão genitais do pai e ele nem se apercebia. A criança comentou com alguém da instituição, e quem comentou comigo foi a mãe. Eu fiquei muito mal, porque não podia comentar, porque era familiar de uma pessoa da instituição, a mãe pediu-me para eu tentar resolver a situação, os pais estavam separados, a mãe queria ameaçar o pai...O pai acho que dormia sem cuecas. Cheguei a abordar a miúda e ela dizia-me: eu toco lá na pilinha do meu pai e a pilinha cresce. Eu perguntei-lhe. Então e o pai não acorda? Não, ele está a dormir.	20.30 22.52	Questionar o pai não acordar Exemplo do banho com o filho E ver o pai ou avô nú.
	- Qual é a sua atitude quando vê uma criança a estimular-se?	Uma pessoa sabe que isso é normal, isso acontecer. Mas tentar chamar a atenção à criança que é um momento, que tem de ser uma coisa íntima. Que essas coisas devem-se fazer no quarto ou... Mas também não cortar as asas às crianças, senão vamos ter daqui uns anos adultos frustrados. E eu conheço adultos	26.49	

		frustrados, porque a nível sexual nunca...exteriorizaram.		
	- Como reage quando uma criança mostra estereótipos em relação ao sexo oposto?	<p>Tenho uma situação de uma vez umas meninas dizerem: “Tu gostas de cor de rosa?” Depois eu disse: ele gosta de cor de rosa, gosta da cor que gostar. O meu namorado também usa blusas cor de rosa, e não é por isso que é menina. Tentar que eles percebam. É a mesma coisa de:</p> <p>“Tu não podes brincar na casinha, porque tu és menino!”</p> <p>Um menino que só queria brincar com as bonecas e pôr as cabeleiras com cabelos longos,</p> <p>Porque se realmente essas crianças pensarem em mudar de sexo ou gostarem de pessoas do mesmo sexo, de serem homossexuais ou lésbicas, tem que se respeitar e se calhar começa pela base. Se as educarmos, um dia mais tarde, essas crianças não vão ser apontadas.</p>	27.40	
	- Considera que a sua postura com uma criança com NEE é igual ou diferente de com outra criança? É mais permissiva ou mais exigente?	O objetivo tem de ser o mesmo, mas a forma de abordagem tem de ser diferente. Não podes abordar da mesma forma uma criança dita normal, que compreende as coisas de uma forma, do que abordar com uma criança que tenha trissomia 21 ou alguma NEE. Mas deve-se mostrar e ensinar que certas e determinadas coisas são para fazer em privado.	30.09	
	- Considera que a sua prática religiosa interfere na abordagem da educação sexual ?	Não interfere. Sou católica, mas não praticante. Há coisas que não concordo	31.42	

	- Pondera que a sua tendência política influencia abordagem ao tema?	Não	33.17	
Bloco F	- Como costuma ser a comunicação com os pais, no geral, sobre este tema?	Não há muita comunicação com as famílias sobre este assunto. Quando há necessidade, há comunicação.	33.44	
	- Que postura, considera que os pais de crianças com NEE têm perante a educação sexual?	Depende dos pais, do conhecimento que os pais têm do assunto, do conhecimento que têm sobre a doença dos filhos, das necessidades que os filhos têm, há pais que não sabem nada sobre o assunto e não querem saber nada sobre o assunto. Podem ser púlicos e terem vergonha de abordar o tema, não se sinta à vontade.	34.52	
	- Que tipo de preocupações manifestam?	O toque em frente às outras pessoas, a nível de estratégias, a preocupação de quando forem adultos como será.	36.44	
	- Acha que a prática religiosa dos pais interfere na abordagem da educação sexual dos seus filhos?	Depende dos pais, se são mesmo crentes e levam mesmo a religião à risca. Não falam sobre o assunto, ou se falam, falam que não se deve relacionar com outras pessoas antes do casamento, ...não se pode tocar,	38.49	
	- Pondera que a tendência política dos pais interfere na abordagem ao tema?	Depende. Se forem do CHEGA!! Ele é muito machista.	40.13	